



**Universidade de  
Aveiro  
Ano 2014**

Departamento de Línguas e Culturas

**Gina Rosa Estevão César    O uso de pronomes clíticos em textos de ensino secundário e  
universitário em Nampula**



**Universidade de  
Aveiro  
2014**

Departamento de Línguas e Culturas

**Gina Rosa Estevão César**

**O uso de pronomes clíticos em textos de ensino secundário e  
universitário em Nampula**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor Fernando Jorge Dos Santos Martinho, leitor do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

**Dedicatória**

À memória do meu falecido pai.

## **o júri**

Presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais  
Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da  
Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Nobre Roque dos Santos  
Reitor da UniZambeze

Prof. Doutora Catarina Alexandra Monteiro de Oliveira  
Professora Adjunta Escola Superior de Saúde da Universidade  
de Aveiro (arguente)

Prof. Doutor Fernando Jorge dos Santos Martinho (orientador)  
Leitor do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de  
Aveiro.

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha família por me ter proporcionado um ambiente sereno e agradável no momento em que escrevia esta dissertação, obrigada.

Ao meus colegas do curso, pela coragem, força, camaradagem e afeto demonstrados durante a estadia no CFP de Inhamítua, muito obrigada.

Ao meu orientador, Professor Doutor Fernando Martinho, pela paciência e atenção tidas durante todo o percurso da elaboração da presente dissertação, toda a minha admiração.

**Palavras-chave**

Pronomes clíticos, colocação, seleção.

**Resumo**

A presente dissertação versa sobre a colocação de clíticos em textos escritos por alunos da escola secundária de Muatala e por alunos universitários. O objectivo é contribuir para a descrição, em textos escritos por alunos do ensino secundários e universitários, das circunstâncias do uso dos pronomes clíticos. Do estudo feito, constatamos que o uso de pronomes clíticos na posição enclítica, ao invés da posição proclítica, ocorre em orações subordinadas. Constatámos, igualmente, que em locuções verbais, tanto os informantes do ensino secundário como os de ensino superior hospedam o clítico na posição mediana da locução, o que nos induziu a afirmar que o clítico se alojou na posição proclítica ao verbo principal. Recomendamos que, no emergente Português Moçambicano, a próclise ao verbo principal, em locuções verbais seja adoptado como padrão, porque entendemos que, tanto neste caso como no uso de clítico na posição enclítica, ao invés da posição proclítica em orações subordinadas, se trata de fixação de um novo parâmetro de colocação de clíticos, uma vez outros estudos terem provado que este fenómeno ocorre em todas as camadas sociais.

**Keywords**

Clitic pronouns, placement, selection

**Abstract**

This dissertation focuses on the placement of clitics in texts written by high school students Muatala and university students. The aim is to contribute to the description, in texts written by students of secondary and higher education, of the circumstances of the use of clitic pronouns. In the study, we found that the use of clitic pronouns in enclitic position, rather than the proclitic position, occurs in subordinate clauses. We note also that in verbal locutions, both informants of secondary education and higher education host the clitic in the median position of the phrase, which induces us to affirm that the clitic is housed in the main verb proclitic position. We recommend that, in the emerging Mozambican Portuguese, the proclisis to the main verb in verbal phrase is adopted as a standard, because we understand that, both in this case and in the use of clitic and enclitic position, rather than the proclitic position in subordinate clauses, it is setting a new benchmark for placement of clitics, since other studies have proven that this phenomenon occurs in all social strata.

## **Índice**

Introdução.....	12
CAPÍTULO I.....	15
Fundamentação Teórica.....	15
A Noção de Pronome.....	15
Tipologia dos pronomes pessoais.....	17
Tabela 1: Pronomes pessoais fortes do Português.....	18
Os pronomes clíticos .....	19
Tipologia de pronomes clíticos.....	20
Clíticos com conteúdo argumental .....	21
Os clíticos com conteúdo argumental de referência definida: pronominais e anafóricos .....	21
Clíticos argumentais de referência arbitrária.....	22
Clíticos argumentais proposicionais: clítico demonstrativo.....	22
Clíticos quase - argumentais:.....	23
Clítico com estatuto argumental e funcional: o <i>se</i> passivo.....	23
Clíticos referenciais não-associados à grelha argumental .....	24
Clíticos com comportamento de afixo derivacional: clítico ergativo/anticausativo .....	25
Clíticos sem conteúdo semântico ou morfo-sintático .....	26
Distribuição dos clíticos pronominais .....	26
Quadro 2: Formas átonas do pronome pessoal.....	27
Padrões de colocação dos clíticos pronominais.....	27



1.3.1. Ênclise (V+ Clt).....	28
1.3.1.1. Com verbos simples .....	28
1.3.1.2. Sequências verbais.....	28
1.3.4. Posição mesoclítica.....	31
EM SÍNTESE .....	31
CAPÍTULO II.....	33
Estudos sobre clíticos em Português Europeu.....	33
Estudos sobre clíticos em Português Brasileiro.....	34
Os clíticos no Português Moçambicano .....	36
EM SÍNTESE .....	38
CAPITULO III .....	39
Metodologia do trabalho.....	39
Tipo de estudo .....	39
O universo .....	41
A amostra e o <i>corpus</i> do trabalho.....	41
Gráfico 1: Informantes por Escola.....	42
O corpus.....	42
A construção do corpus .....	44
Os nossos informantes .....	45
Quadro 1: idade dos informantes.....	45
5.1. O método .....	48

CAPITULO IV .....	49
4.1. Apresentação, análise e Discussão dos dados .....	49
4.1.1. Apresentação de dados .....	49
Tabela 1: uso de clíticos de alunos secundários e universitários.....	49
Gráfico 2: Frequência das estruturas frásicas contendo pronomes clíticos .....	50
Gráfico 3: Frequência das estruturas frásicas produzidas pelos alunos da Escola Secundária de Muatala .....	51
Gráfico 4: Distribuição de desvios em relação ao PE .....	52
Gráfico 5: Uso de pronomes clíticos em estudantes universitários .....	53
Tabela 2: Frequência dos clíticos pronominais .....	54
4.1.2 Análise dos dados: Entradas correctas .....	55
4.1.2.1 Colocação de pronomes clíticos .....	55
Tabela 3: Frequência das categorias que desencadearam próclise nas entradas correctas .....	56
4.1.2.2 Entradas desviantes.....	57
4.1.2.3 Desvios relativos à colocação.....	58
Tabela 4: Desvios quanto ao padrão de colocação .....	58
4.1.2.4Próclise ao invés da ênclise .....	58
4.1.2.5 A ênclise ao invés da próclise.....	63
Gráfico 6: uso da ênclise ao invés de próclise.....	63
4.1.2.6 Situações de homofonia.....	67
4.1.2.7 Clítico que se hospeda em outras classes gramaticais .....	68

4.1.2.8 Uso de clíticos em locuções verbais .....	69
4.1.2.9 Redobramento clítico.....	72
4.1.3 Selecção de clíticos.....	73
4.1.3.1. Lheismo: falsos dativos .....	73
4.1.4 Falsos acusativos .....	74
4.1.5 Falsos oblíquos .....	75
4.1.6 Os pronomes Fortes na posição de pronomes clíticos.....	76
EM SÍNTESE .....	77
Conclusão .....	78
Bibliografia.....	94

## Introdução

O presente trabalho, com o tema *o uso de pronomes clíticos em textos de ensino secundário e universitário em Nampula*, surge como requisito para obtenção de grau de mestre em Língua Portuguesa e Literaturas de Expressão Portuguesa, na Universidade de Aveiro.

O uso de pronomes clíticos tem merecido muita atenção por parte dos estudiosos da Língua Portuguesa em Moçambique. Uma das causas que levam os estudiosos a manifestarem interesse por esta área é o facto de haver tendências, por parte dos falantes do português em Moçambique, para o uso desviante dos pronomes clíticos, tendências que se manifestam quer pela má selecção, quer pelo mau alojamento do pronome. Foi esta a principal razão que motivou a escolha do tema deste trabalho. Um outro factor que terá também contribuído bastante para a escolha do tema, é o facto de, quer na oralidade, quer na escrita, termos notado que os nossos alunos usavam mal os pronomes clíticos.

Assim, com o presente estudo, esperamos conseguir contribuir para a descrição dos principais problemas linguísticos relacionados com o uso desviante de pronomes clíticos, em alunos secundários e universitários, nas perspectivas a que acima fizemos alusão. Esperamos ainda, com a dissertação, poder contribuir para a identificação de áreas críticas no uso de pronomes clíticos e, assim, ajudar as autoridades educacionais a encontrarem soluções adequadas para o ensino e aprendizagem do português em Moçambique.

O uso desviante de pronomes clíticos, apesar de não ser um fenómeno recente, é um facto que ainda interessa os estudiosos da língua portuguesa em Moçambique, sendo, por isso, um tema de actualidade e de uma importância extrema.

Dissemos que, durante as nossas actividades de docência na Escola Secundária de Muatala, fomos verificando, quer nas redacções escritas, quer na oralidade, que os nossos alunos, frequentemente, produziavam frases do tipo:

(i) *Eu lhe vi ontem no mercado;*

(ii) *Te digo que este teu problema não me afecta.*

Do ponto de vista da gramática, a estrutura em (i) possui duas agramaticalidades relacionadas com o uso de pronomes clíticos. A primeira refere-se ao facto de o verbo *ver* ser transitivo directo e por esta via exigir que seja hospedeiro de um pronome clítico com a função sintáctica de OD e não com a função sintáctica de OI. Assim, seria legítima a estrutura linguística em que o pronome clítico *lhe*, que, no quadro de teoria do Caso (TRL ou P&P) recebe o Caso dativo, fosse substituído pelo pronome clítico *o*, que, na mesma teoria, recebe o Caso acusativo. A segunda agramaticalidade está relacionada com o facto de o pronome clítico estar mal colocado em relação ao seu hospedeiro, que é o verbo *ver*. Deste modo, uma frase que obedecesse à norma europeia devia ser construída da seguinte maneira:

(i'). *Eu vi-o ontem no mercado.*

Na estrutura em (ii), por seu lado, o pronome clítico *te* foi mal usado, ao ser hospedado na posição proclítica. O ideal, de acordo com a norma vigente no PE, é que tal pronome fosse hospedado na posição enclítica, como a seguir retomamos a frase:

(ii') *Digo-te que este teu problema não me afecta.*

São estes fenómenos que constituem o problema do presente trabalho e que, ao mesmo tempo, são objecto de estudo da dissertação que pretendemos fazer.

Conforme dissemos, vamos procurar estudar dois fenómenos linguísticos relacionados com o uso dos pronomes clíticos. O que pretendemos, de facto, com o trabalho, é contribuir para a descrição, em textos escritos por alunos do ensino secundários e universitários, das circunstâncias do uso dos pronomes clíticos, a partir dos seguintes objectivos específico:

- (i). Efectuar o levantamento dos principais erros relacionados com o uso dos pronomes clíticos em textos escritos pelos estudantes do ensino secundário e universitário;
- (ii). Descrever os principais tipos de desvios relacionados com o uso do pronomes clíticos, com base no levantamento anteriormente efectuado;
- (iii). Comparar o uso dos pronomes clíticos em alunos do ensino

secundários e em alunos universitários, a fim de se poder analisar, comparar e identificar os problemas relacionados com o uso de clíticos que ainda prevalecem à entrada dos estudantes no ensino superior.

O trabalho é de natureza descritiva e segue, como é natural em estudos deste tipo, uma linha de pesquisa qualitativa, apesar de, em alguns casos, por natureza de dados que vamos usar, utilizarmos vários dados estatísticos, que são específicos de estudos de natureza quantitativa.

O *corpus* do trabalho é constituído por frases que foram retiradas de 165 textos, que correspondem ao mesmo número de informantes. Dos 165 textos, 110 foram produzidos por alunos da 9.<sup>a</sup> classe da Escola Secundária de Muatala, durante a redacção de um texto tendo como tema “A minha família”, e os restantes 55 textos foram extraídos de produções escritas sobre o tema “Sim ou Não ao aborto”, redigidas por estudantes que frequentam o 1.º ano de curso de Licenciatura em ensino de Biologia, na Universidade Pedagógica.

A escolha de 9.<sup>a</sup> classe deve-se ao facto de ser uma das classes iniciais do ensino secundário, no qual, a nosso ver, tendo em conta os programas de ensino da língua portuguesa em vigor no país, o aluno deve mostrar possuir já conhecimentos razoáveis da língua portuguesa. A escolha do primeiro ano do ensino universitário deve-se ao facto de pretendemos verificar a existência, como já fizemos menção, de problemas relacionados com o uso dos pronomes clíticos à entrada dos estudantes nas universidades. Assim, esses dois níveis vão-nos permitir saber quais são, no concreto, os problemas relativos ao uso dos pronomes clíticos nas classes iniciais do ensino secundários e quais, de facto, os problemas relativos ao uso dos pronomes clíticos nas classes terminais do ensino secundário.

Orientamos os nossos informantes universitários para produzirem textos contendo entre 350 e 500 palavras e aos informantes do ensino secundário pedimos que produzisse textos contendo 250 a 300 palavras. Todos os textos foram manuscritos, o que nos permitiu ter dados originais.

Quanto à estrutura do presente trabalho, depois da introdução, na qual procuramos apresentar o tema do trabalho, tentamos justificar a pertinência do trabalho, mostrar o problema

principal da pesquisa, definir os nossos objectivos e indicar, em poucas palavras, a metodologia usada para a concretização do trabalho, segue-se o primeiro capítulo do trabalho, no qual procedemos a uma revisão de literatura. Nesta 1ª parte, tratamos da tipologia dos clíticos pronominais em Português, depois analisamos vários estudos feitos nesta área, em Portugal, Moçambique e Brasil. Seguidamente, indicamos, no capítulo II, a metodologia adoptada para a concretização do presente trabalho. No terceiro capítulo, apresentamos e analisamos os nossos dados e por fim apresentamos uma bibliografia, composta por obras que foram consultadas para a concretização do presente trabalho, seguida de anexos e apêndices.

## **CAPÍTULO I**

### **Fundamentação Teórica**

Neste primeiro capítulo, vamos apresentar uma breve análise dos termos que vão ser usados neste trabalho e das teorias que norteiam a sintaxe dos clíticos. Assim, discutiremos as noções de pronome, destacando a existência de pronomes substantivos e pronomes determinantes. A seguir, distinguiremos os pronomes fortes dos pronomes fracos. É nesta última subclasse de pronomes que situamos os pronomes clíticos. Discutiremos, posteriormente, a noção de pronomes clíticos e falaremos dos principais tipos de pronomes clíticos. Por fim, trataremos da colocação dos pronomes clíticos no PE, onde destacaremos a posição enclítica como a mais natural em frases básicas dos português e a mesóclise será tratada como sendo uma rebusca das regras do português antigo.

#### **A Noção de Pronome**

Ao tratar de pronomes, Vilela (1995:207) afirma que a designação PRO-NOMEN indica a relação existente entre esta classe de palavras e o nome. Mas adiante, o autor refere que “os pronomes encontram a sua definição no discurso, indicando a pessoas, seres vivos, objectos ou estados de coisas, em que a relação fixada na materialidade do pronome é deduzida da conexão da frase, do texto ou da situação do discurso.”

Percebe-se, facilmente, que não é fácil esgotar a noção de pronome. Na verdade, apesar de Vilela (1995) entender que o pronome estabelece uma estreita ligação com o nome, esta categoria gramatical parece substituir, muitas vezes, os sintagmas nominais e não os nomes, como observou Raposo (1992), ao tratar os pronomes pessoais e demonstrativos.

Retomemos, depois desta breve discussão, as explicações de Vilela (1995), para quem os pronomes funcionam não apenas como substitutos da categoria gramatical nome, como é óbvio, mas também como os seus acompanhantes, e, portanto, como determinantes do substantivo. Para o desempenho dessas funções, os pronomes dispõem de características formais – flexão – que marcam a congruência (a concordância) e a relação com a palavra que representam ou determinam.

Esta proposta de Vilela, parece ter acolhimento em Cunha & Cintra (1984), os quais, tal como Vilela, propõem uma divisão bipartida dos pronomes: os que substituem os substantivos, designados de pronomes substantivos, como o exemplo patente em (3), e os pronomes adjectivos, que aparecem na posição de determinantes, como o que está na frase em (4).

(3) Eu não tenho de *meu* um momento<sup>1</sup>

(4) *Meu* coração tombou na vida

Tal qual uma estrela ferida

Pela flecha de um caçador.

No prosseguimento de distinção entre os diversos tipos de pronomes, estes autores referem existir 6 (seis) tipos de pronomes: pessoais, demonstrativos, possessivos, relativos, interrogativos e indefinidos. Os que interessam para o presente estudo são os pronomes pessoais, os quais podem ser rectos, recebendo de Flex o Caso nominativo e desempenhando as funções sintácticas de Sujeito e os clíticos, que, dependendo da natureza, como veremos mais adiante, ocupam as posições argumentais dos verbos, recebendo os Casos acusativo, dativo ou oblíquo. A terminologia pronomes clíticos abrange igualmente a um conjunto de pronomes que não ocupam as posições argumentais dos predicados, como veremos, mais adiante.

Para Vilela, nos pronomes há subclasses que apenas funcionam como substantivos, como são os casos dos pronomes *fulano*, *beltrano*, *cicrano*, os chamados <<nomina própria>>, semelhantes aos nomes genéricos como *tipo*, *gajo*, *homem*, *indivíduo*, *cara*, etc., os pronomes que

---

<sup>1</sup> Os exemplos são de Cunha & Cintra (1984), pp. 277-278



só funcionam como substitutos dos nomes (*alguém, ninguém, quem, nada, você, a gente*), ou ainda os pronomes que diferenciam seres e objectos (*quem, alguém, e algo ou alguma coisa, ninguém*).

É preciso que se entenda que, para este autor, a função exercida pelos pronomes é partilhada por outras categorias gramaticais, como, por exemplo, *aqui, ali, lá, cá*, que podem substituir adverbiais de lugar, *então*, adverbiais de tempo, *assim*, adverbiais de modo, etc.<sup>2</sup> sintáctica e semanticamente, os pronomes têm pontos de contacto com as demais categorias, o que dificulta a sua caracterização, não constituindo, por essa via, uma classe totalmente homogénea.

### **Tipologia dos pronomes pessoais**

A imagem que nos é transmitida quando falamos de pronomes pessoais é a de uma subclasse de palavras homogénea. Na verdade, esta subclasse de palavras não é homogénea como parece. Existe três tipos de pronomes: *fortes, fracos e clíticos*. Usando as palavras de Cardinaletti & Starke (1999), Brito (2007) explica que os pronomes fortes e fracos ocupam posições de XO, enquanto que os pronomes clíticos ocupam posições X<sub>0</sub>. Explica ainda que os pronomes fracos e clíticos são deficientes, e por essa via, não são coordenáveis, enquanto que os pronomes fortes são. Esta deficiência estrutural encontra explicação no facto de não existir um conjunto de núcleos funcionais, os quais contêm traços  $\phi$  e traços referenciais. Deve ter sido esta característica que fez com que Duarte (2008), apoiando-se em Everett (1993) e Kato (1999) afirmasse que os pronomes fracos, opostos a pronomes fortes, podem equivaler a pronomes livres, clíticos e afixos de concordância. Para além desta característica, os pronomes fortes possuem uma natureza deíctica, enquanto que os pronomes fracos são referencialmente dependentes. Fonologicamente, os pronomes fortes são estáveis se comparados com os pronomes livres e os clíticos.

Os pronomes fortes, no Português, apresentam-se como se ilustra no quadro que se segue

---

<sup>2</sup> Deve ainda observar-se que os pronomes e os elementos com características de “pro-formas” podem substituir não apenas palavras, grupos, mas também enunciados e mesmos textos inteiros.

**Tabela 1: Pronomes pessoais fortes do Português**

	Casos		
	Nominativo		Oblíquo
Pessoas gramaticais	Apenas com valor dêitico	Valor dêitico/co-referencial	
1. <sup>a</sup> Singular	Eu		(prep.) mim, (co)migo <sup>3</sup>
2. <sup>a</sup> singular	Tu		(prep.) ti, (con)tigo
	Você		(prep.) si
3. <sup>a</sup> singular		Ela, ele	(prep.) ele, ela, si
1. <sup>a</sup> plural	Nós		(prep.) nós, con(nosco)
2. <sup>a</sup> plural	Vós		(prep.) vós, con(vosco)
	Vocês		
3. <sup>a</sup> plural		Elas, eles	(prep.) eles, elas, si

Usando as palavras de Duarte, Matos & Faria (1995:130), Silva (2008) explica que os pronomes fortes têm a distribuição de DPs regulares, podendo, deste modo, ocorrer em posições periféricas (cf. (1a)), podem ser contrastados em coordenação (cf. (1b)), podem ser complementos de preposições (cf.(1c)) ou podem servir como antecedentes de orações relativas apositivas (cf.(1d)).

(5)

- a. *Ela*, o Hugo convidou<sup>4</sup>.
- b. A mãe enviou-me o postal a *mim* e não a *ti*.
- c. O Jorge preparou uma surpresa para *elas*.
- d. *Ele*, que vive em Barcelona, faz anos amanhã.

Silva (2008) faz notar que Duarte, Matos & Faria (1995: 130-131) referem que, pelo contrário, os pronomes clíticos não podem ocorrer em qualquer destes contextos:

- (6) a. \**A*, o Hugo convidou.
- b. \* *A* mãe enviou-*me* e não *te* o postal.
- c. \*O Jorge preparou uma surpresa para *as/lhes*.

<sup>3</sup> Considere-se que comigo, contigo, etc. são o resultado de cum-me-cum, cum-te-cum, etc.

<sup>4</sup> Os exemplos foram retirados, todos, de Silva (2008)

d. \*O, que vive em Barcelona, faz anos

## **Os pronomes clíticos**

A definição de pronome clítico dada por Cunha & Cintra (1999:278) remete-nos para a noção de que o clítico é o elemento que se combina fonologicamente com palavras com as quais não forma construções morfológicas, hospedando-se nelas nas posições enclítica, proclítica e mesoclítica.

Brito (2007) refere que os pronomes clíticos podem ser considerados como partículas desprovidas de acento que requerem um hospedeiro que os receba, assim como acontece com os afixos flexionais. Usando a palavra de Kayne (1975), a autora afirma ainda que os clíticos são fonologicamente fracos, e, por essa via, não podem aparecer sozinhos, devendo ser adjungidos a um hospedeiro, que, no caso concreto de clíticos tem sido um verbo.

Duarte (1983:159) diz que o pronome clítico é um constituinte da frase que é fonológica e sintacticamente dependente de um verbo, adjacente a esse verbo, e que é interpretado como sujeito, objecto directo ou indirecto do mesmo”.

Nestas definições, percebe-se que os pronomes clíticos são morfemas presos que não possuem acento próprio, estando, por isso, dependentes do acento do verbo no qual se alojam.

A propósito dos clíticos especiais, Raposo (2000:266) , citado por Marcilese (2007:65) aponta para uma série de propostas de análise, no quadro da gramática generativa, às vezes opostas, sobre os pronomes clíticos, por entender que existem algumas lacunas ao nível da adequação descritiva quanto ao nível da adequação explanatória. Neste trabalho, retomamos essa proposta de Raposo (2000), com base em Marcilese (2007)

a) O comportamento dos clíticos vincula-se ao domínio: (i) fonológico/prosódico; (ii) sintático; (iii) ambos domínios.

b) Clíticos são sintaticamente caracterizados como: (i) Determinantes; (ii) Nomes; (iii) uma combinação de ambas categorias.

c) Geração e movimento: (i) Clíticos movem-se para uma posição-Q subjacente; (ii) clíticos são basicamente engendrados em alguma posição designada em associação com um argumento aberto ou coberto em posição-Q.

d) (i) Clíticos encabeçam uma projeção máxima da categoria DP com uma estrutura interna (ii) clíticos são terminações singulares de uma projeção D mínima/máxima,

e) No contexto das análises que assumem movimento dos clíticos, esse movimento é considerado como: (i) movimento de núcleo; (ii) movimento XP; (iii) uma combinação dos dois anteriores.

f) Movimento-XP de clíticos pode ser: (i) movimento-A; (ii) movimento-A'.

g) Se o clítico é adjungido a um núcleo, essa adjunção pode ser: (i) à esquerda; (ii) à direita.

h) Quando o clítico se move como um núcleo, o alvo desse movimento podem ser várias categorias funcionais diferentes: Agrs, Agr0, Infl, T, F...

i) Desde que o verbo também se mova no esqueleto funcional, a posição final do clítico com respeito ao verbo é determinada pelo movimento do verbo e suas extensões.

Apesar de termos retomado as propostas de análise de pronomes clíticos propostos por Raposo (2000), não vamos, aqui, efectuar a análise segundo o programa minimalista, uma vez que, quase todo o programa minimalista, ainda não recebeu um acolhimento plausível por parte de todos os generativistas.

### **Tipologia de pronomes clíticos**

Mateus et alii (2003:835) admitem que é possível distinguir, no português e nas outras línguas românticas, diferentes tipos de pronomes clíticos especiais, tomando como critérios (i) o seu potencial referencial ou predicativo; (ii) a possibilidade de receberem um papel temático; (iii) a sua referência específica ou arbitrária; (iv) a capacidade de ocorrerem em construções de redobro de clíticos e de extração simultânea de clíticos; (v) e a faculdade de funcionarem como um afixo capaz de alterar a estrutura argumental de um predicado. Assim, em português, existem 5 tipos de clíticos especiais, que podem ser: clíticos com conteúdo argumental, clíticos argumentais proposicionais, clíticos quase-argumentais, clíticos com comportamento de afixo derivacional e clíticos sem conteúdo semântico ou morfo-sintáctico.

## Clíticos com conteúdo argumental

Os clíticos com conteúdo argumental podem-se distribuir em dois grandes grupos: (i) os clíticos argumentais de referência definida: *pronominais*, que podem ocupar as posições de acusativos, dativos, na teoria do Caso, e *anafóricos* que, geralmente, são classificados como sendo *reflexos*, *recíprocos*. (ii) clítico argumental de referência arbitrária: *se nominativo*

### Os clíticos com conteúdo argumental de referência definida: pronominais e anafóricos

Como se pode depreender em (7), e como já foi referido, estes clíticos caracterizam-se por saturar os lugares de argumentos internos dos predicados em que estão alojados.

(7)

- (i) Viram-na (*acusativo*) no jantar do primeiro ministro
- (ii). O Paulo pediu-lhe (*dativo*) um livro
- (iii) o João e a Maria encontraram-se (*recíproco*) na Biblioteca da Universidade Pedagógica
- (iv) A Joaquina cortou-se. (*reflexo*)

Os clíticos com conteúdo argumental admitem construções de redobro, assinalando, o constituinte redobrado, a posição argumental a que o clítico está associado, como a seguir ilustramos em (8):

(8)

- (a) Só *a* viram *a ela* no jantar do primeiro ministro.
- (b) O João e Maria encontraram-se *um com o outro* em Moatize, na passagem do ano.
- (c) O Estêvão deixou-lhes ver o filme *a eles* mas não a elas.
- (d) A Joaquina cortou-se *a si própria*.

Uma outra característica de clíticos argumentais que merece ser realçada neste trabalho relaciona-se com o facto de ser possível, em frases com extracção simultânea de clítico, recuperar o argumento não realizado, sem que a frase seja sentida como um caso de Objecto Nulo, como as estruturas em (9) ilustram.

(9)

- (a) A Ana mandou-o [-] comprar os bilhetes e [-] marcar o restaurante<sup>5</sup>.
- (b) Acho que eles se conhecem [-] e encontram [-] regularmente na Faculdade.
- (c) A Ana deixou-lhes ler o livro [-] e ver o filme[.]

### **Clíticos argumentais de referência arbitrária**

Mateus et alii (2003:836) chamam *se nominativo* ao que Cunha & Cintra (1999) designam por clítico de sujeito indeterminado. Este tipo de clítico é usado frequentemente para fazer com que o sujeito seja indeterminado. Ou seja, nas frases em que se usa este tipo de clítico não é possível determinar, com precisão, o sujeito da frase, daí a noção de referência arbitrária estar associada a este tipo de clítico.

(10)

- (a) Diz-se que os presos foram assassinados.
- (b) A questão está naquilo em que se acredita.

Contrariamente àquilo que acontece com os clíticos com conteúdo argumental, que aceitam construções de redobro, o *se-nominativo* não aceita a construção de redobro de clítico. Veja-se, por exemplo, o contraste nas frases em (11), em que mostramos que na frase em (a), o clítico não aceita ser redobrado enquanto na frase em (b) o clítico aceita ser redobrado.

(11)

- (a)\* *Alguém aluga-se casas.*
- (b) *Alguém corta-se a si mesma.*

### **Clíticos argumentais proposicionais: clítico demonstrativo**

O pronome invariável *o*, correlato do demonstrativo *isso*, está entre os clíticos pronominais e denota situações e estados de coisas. Ocorre com verbos que seleccionam frases por objecto directo, como se vê em (8):

---

<sup>5</sup> Os exemplos são todos de Mateus et.alii (2003)

(8) Que a Maria era culpada pela morte do pai, ele não *o* declarou abertamente.

Este pronome surge igualmente em estruturas de complementação, como um predicador verbal, desempenhando o papel de núcleo das orações pequenas seleccionadas pelo verbo, como por exemplo na frase (9):

(9) (a) Umas malandras, estas crianças sempre *o* foram.

(b) *o* Paulo está na escola e a Maria também *o* está.

#### **Clíticos quase - argumentais:**

Os clíticos com características quase-argumentais podem ser agrupados em dois grupos: (i) o *se passivo*, que possui um estatuto argumental e funcional e (ii) clíticos referenciais não associados à grelha argumental do verbo: *dativos ético* e *dativo de posse*.

#### **Clítico com estatuto argumental e funcional: o *se passivo***

O *se-passivo* tem por referente uma entidade arbitrária identificada com o chamado “agente da passiva”. O *se passivo*, tal como o *se-nominativo*, não admite surgir em construções de redobro, como se pode ver em (10). No entanto, admite interpretações de extracção simultânea de clíticos, como se pode depreender em (11).

(10) (a) Venderam-*se* hoje muitos livros na feira do livro.

(b)\* Venderam-*se* hoje muitos livros por alguém na feira do livro.

(11) Já hoje *se* venderam e compraram muitos livros na feira do livro.

Para além dessas características, o *se passivo* acumula as funções tipicamente atribuídas ao morfema passivo – bloqueia a atribuição de relação temática à posição de argumento externo e de Caso acusativo ao argumento interno do verbo. Esta característica faz com que este pronome clítico *se* aproxime do afixo do particípio passado inacusativo nas estruturas passivas e nas estruturas de particípio absoluto, como se pode ver nas estruturas em (12)

(12) (a) Foram vendidos muitos livros hoje (por alguém)

(b) Comprados muitos dos livros pelo público que ocorrera à feira, o negócio parecia correr de feição.

### Clíticos referenciais não-associados à grelha argumental

Vilela (1995:334) diz que existem complementos que são introduzidos pela preposição *a*, que podem ser anaforizados pelo pronome *lhe*, e que não podem ser considerados de *OIs*, por serem designados, tradicionalmente, de *datuus possessiuu* e *datuus ethicus*.

O *dativo de posse* designa partes do corpo de pessoa, ou que são algo ligado a um acto ou o seu resultado, ou seja, e como sugere o próprio nome, o *dativo de posse* designa uma relação de posse inalienável, assumindo, deste modo todas as pessoas gramaticais. O SN em que ocorre o *dativo de posse* pode ainda, para além da preposição *a*, ser introduzido pela preposição *de*, como se pode depreender em (13) e (14):

(13)

(a) Os olhos doem *ao* Manuel<sup>6</sup>

(b) Doem-*lhe* os olhos

(14)

(a) Ela amarrou os cabelos *à* filha

(b) Ela amarrou os cabelos *da* filha

(c) Ela amarrou-*lhe* os cabelos

(d) Ele agarrou na mão *da* criança

(e) Ele agarrou-*lhe* na mão

Como se pode depreender, o *dativo de posse* está associado a uma posição de argumento ou de adjunto de um complemento do predicado.

O *Dativo ético* substitui um actante que está fora da frase, mas que tem interesse na acção implicada no significado do verbo. Realiza-se, quase sempre, pelas formas pronominais relativas

---

<sup>6</sup> Os exemplos são de Vilela (1999)



às pessoas que participam na enumeração: a 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pessoas. O contexto, a situação, o acto comunicativo repõem a interpretação da entidade interessada na acção e podem co-ocorrer com um OI. Este pronome ocorre, geralmente, em frases exortativas, designando uma entidade que pode ser considerada como Beneficiário.

- (a) Não *me* subas a escada a correr, que ainda *me* ficas doente!
- (b) Ele sempre *te* saiu marau!
- (c) Conta-*me* bem essa história *aos jornalistas* e verás o que sucede!

### **Clíticos com comportamento de afixo derivacional: clítico ergativo/anticausativo**

Como se pode observar em (15), este clítico exhibe uma forma idêntica à dos pronomes anafóricos reflexos. É também designado de ergativo ou anticausativo. Esta designação deve-se ao facto de a sua ocorrência inibir a presença do argumento externo do verbo a que se associa, argumento externo esse que deteria normalmente as relações temáticas de causador ou de agente. A sua função é fundamentalmente a de ‘descausativar’ o verbo principal a que se associa, comportando-se, deste modo, como um sufixo derivacional incausativo.

- (15) (a) O barco virou-*se*. ( cf. a tempestade virou o barco. )  
(b) Enervei-*me* com a situação. ( cf. aquela situação enervou-nos. )

Este pronome aproxima-se do *se* passivo, diferido deste por não apresentar um valor argumental, podendo, deste modo, co-ocorrer com um adjunto, explicitando a causa externa do evento denotado pelo verbo (16)

- (16)  
(a) O barco virou-se por causa de /com a tempestade.  
(b) Nós enervámo-nos por causa de/ com aquela situação.

### **Clíticos sem conteúdo semântico ou morfo-sintático**

Designam-se como casos de clítico inerente às formas do pronome reflexo que não estão associadas a qualquer posição argumental ou de adjunto e em que o clítico não pode ser interpretado como uma partícula ‘destransitivadora’, como em (17) Este pronome não afecta a estrutura argumental do predicador verbal e não pode ser redobrado (18), podendo, consoante a tipologia de predicados, ocorrer opcional (19(a)) ou obrigatoriamente (19 (b))

(17)

(a) O Rafael apaixonou-se por uma mulher encantadora.

(b) Rio-*me* às gargalhadas das graças desse cómico.

(18)

(a) \* Rio-*me a mim próprio/por mim próprio* às gargalhadas das graças desse cómico.

(b) \* O Rafael apaixonou-se *a si próprio/ por si próprio* por uma mulher encantadora.

(19)

(a) Rio-*me* às gargalhadas das graças desse cómico.

(b) ☐ O Rafael apaixonou por uma mulher encantadora.

### **Distribuição dos clíticos pronominais**

O quadro 2 mostra a distribuição, em português, dos clíticos especiais não-reflexos e reflexos, de acordo com a pessoa gramatical e a forma casual a que correspondem:

## Quadro 2: Formas átonas do pronome pessoal

Formas átonas do pronome pessoal			
Pessoas gramaticais	Clíticos não-reflexos		Reflexos
	Acusativo	Dativo	Acusativo / Dativo
1. <sup>a</sup> singular	Me	me	me
2. <sup>a</sup> singular	Te	te	te
3. <sup>a</sup> singular	o/a	lhe	se
1. <sup>a</sup> plural	Nos	nos	nos
2. <sup>a</sup> plural	Vos	vos	vos
3. <sup>a</sup> plural	os/as	lhes	se

### Padrões de colocação dos clíticos pronominais

A colocação de pronomes clíticos no PE obedece a regras mais ou menos estáveis. Existem dois tipos de pronomes clíticos nas línguas românticas: Os *clíticos categoriais* e os *clíticos de Tobler-Mussafia*. Os *clíticos categoriais* são aqueles que selecionam um verbo como anfitrião e que se adjungem fonologicamente a este à direita ou à esquerda. Os clíticos pronominais que fazem parte desse perfil existem por exemplo em espanhol, catalão, romeno, francês e italiano.

Na classe de *clíticos de Tobler-Mussafia*, incluem-se os clíticos pronominais do português. Da mesma forma que com os clíticos categoriais, estes selecionam um verbo como anfitrião. No entanto, sua posição na frase não está determinada pela forma pessoal ou não pessoal do verbo, como ocorre com os clíticos categoriais

Assim, encontramos, em português, dois padrões principais de colocação de clíticos: a ênclise e a próclise. Para além destes padrões, podemos, em Português, encontrar ainda a posição mesoclítico, que é considerada por Mateus et. alii (2003: 865) como sendo como um dos traços de sobrevivência de uma gramática antiga, que consiste na colocação alternativa à ênclise nas formas de futuro e condicional exigida no português padrão.

### 1.3.1. Ênclise (V+ Clt)

#### 1.3.1.1. Com verbos simples

No Português, coloca-se o pronome clítico na posição enclítica em frases:

- (i) Declarativas afirmativas e coordenadas com conjunções

(20)

(a) Eu amo-te muito.

(b) Eu vi-o e cumprimentei-o

- (ii) Nas interrogativas globais afirmativas

(21) Ofereci-lhe o último livro de Mia Couto?

#### 1.3.1.2. Sequências verbais

Mapasse (2007) entende que, tal como as restantes línguas românicas de sujeito nulo, o PE admite Subida do Clítico, que consiste na selecção, para hospedeiro verbal, de um verbo do qual o clítico pronominal não é dependente. Em sequências verbais, para esta autora, na ausência de um elemento proclisador, a Subida do Clítico é obrigatória com padrão enclítico:

- (i) Nos tempos compostos e nas passivas de *ser*.

(22)

(a) A Aquima tem-*na* maltratado muito.

(b) \*A Aquima tem maltratado-*a* muito.

(23)

(a) O convite foi-*lhe* finalmente enviado<sup>7</sup>.

(b) \*O convite foi finalmente enviado-*lhe*.

- (ii) Com auxiliares que seleccionam formas gerundivas.

(24)

(a) Ele ia-*lhe* dizendo.

---

<sup>7</sup> Os exemplos são de Mateus et alii (2003)

(b) \*Ele ia dizendo-*lhe*.

(iii) Em construções de reestruturação, com verbos de controlo e com semi-auxiliares modais/ temporais/aspectuais.

(25) (a) *Tencionam-se usar todos os recursos disponíveis* neste projecto.

(b) *Querem-se saber os resultados dos testes* ainda esta semana.

(26) (a) O estudante, *devem-*lhe** entregar os trabalhos amanhã.

(b) Os organizadores *podem-*nos** convidar para o congresso.

(27) (a) O Papaito *vai-*lhe** escrever amanhã.

(b) O Papaito *está-*lhe** a escrever uma carta.

Quando o verbo principal da locução verbal está no infinitivo e a frase apresenta um elemento tipo operador em posição pré-verbal, o clítico pronominal pode preceder o verbo modal / aspectual ou ocorrer à direita da forma infinitiva, conforme a reestruturação tenha ou não operado.

(28) (a) O Mário não *a* deve ver tão já.

(b) O Mário não deve *vê-*la** tão já.

Em sequências verbais encabeçadas por verbos semi-auxiliares aspectuais que seleccionem uma preposição distinta de *a*, a *Subida de Clítico* ou pode não operar ou pode produzir resultados marginais

(29) (a) Estava para *consertá-*lo** / para *o* consertar.

(b) \*Estava-*o* para conservar.

(b) Acabei de *consertá-*lo**.

(c) ?/\* Acabei-*o* de consertar.

### 1.3.2. Próclise (clt + v)

A próclise ao verbo, no PE, é obrigatória nos seguintes contextos:

(i) Frases negativas

(30)

(a) Eu não te amo.

(b) Não lhe ofereci nenhum livro preciso.

(ii) Frases com quantificadores em posição pré-verbal

(31)

(a) Todos *o* chamam de louco.

(b) Alguém *o* viu no hospital ontem.

(iii) Orações subordinadas introduzidas por um complementador

(32)

(a) O Francisco disse que não *a* viu ontem no hospital.

(b) As bananas que *me* ofereceste ontem estavam podres.

(iv) interrogativas de Q<sup>8</sup>

(33)

(a) Quem foi que *te* entregou as bananas?

(b) Quando é que *me* entregaste os livros?

Frases com advérbios na posição pré-verbal

(34)

(a) Eu já *a* vi no hospital

(b) Eu só *te* disse isso para não sofreres.

(v) Tanto a ênclise como a próclise são possíveis em orações infinitas introduzidas por uma preposição:

(35) Pedi ao Pedro para telefonar-*lhe* esta tarde/para *lhe* telefonar esta tarde.

(vi) Há um subconjunto de locuções coordenativas com um elemento de polaridade negativa : *não só...mas / como também, nem...nem*; e de locuções coordenativas disjuntivas: *ou...ou, ora...ora, quer...quer, seja....seja*, que induzem próclise.

---

<sup>8</sup> A designação interrogativas de Q abarca todas as frases interrogativas que são encabeçadas por um morfema interrogativo.

(36)

(a) Não só a Marinela *o* insultou como também o Paulo *lhe* bateu.

(b) Quer *te* agrade, quer não *te* agrade, vou de férias.

#### 1.3.4. Posição mesoclítica

A posição mesoclítica ocorre nas formas verbais do Futuro e do Condicional, nas condições que não aconselham a posição enclítica do pronome.

(37) (a) Eu amar-te-ei para sempre.

(b) Eu amar-te-ia, se me cuidasses.

Mapasse (2007) explica que a mesóclise tem a sua origem nas formas do futuro e do condicional. Estas formas eram analíticas, constituídas pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas do presente e do imperfeito do indicativo do verbo *haver*, assim: *amar-te-ei* procede de *amar te hei*; *mandar-me-ás* de *mandar me hás*, etc.

Na perspectiva de Mapasse (2007), a mesóclise é um padrão em regressão que, por não corresponder a opções da Gramática de PE moderno, precisa de ser aprendida, pelo que está a ser substituída pela ênclise nas novas gerações e em falantes com pouco nível de escolarização. Vejam-se as frases (30), retiradas de Duarte & Matos (2000) por Mapasse (2007) e que aqui retomamos.

(38) (a) Telefonarei-*te* mais vezes<sup>9</sup>. (12 anos, 6º ano de escolaridade)

(b) Na conjuntura sócio-económica, poderá-*se* verificar um saldo bastante positivo.

(Exame escrito de acesso à universidade, depois de 12 anos de escolaridade)

#### EM SÍNTESE

Neste primeiro capítulo, procuramos discutir a noção e os tipos pronomes. Referimos, na sequência disso, que os pronomes podem ser substantivos ou determinantes. Os pronomes

---

<sup>9</sup>Exemplo foram retirados em Mapasse (2007)

substantivos foram definidos como sendo aqueles que substituem os nomes enquanto que os pronomes determinantes são todos aqueles que aparecem a determinarem os substantivos.

No grupo de pronomes, destacamos os pronomes pessoais, nos quais distinguimos entre os pronomes fortes e os fracos. Referimos que os pronomes fortes são todos aqueles que, por sua natureza, podem receber o Caso nominativo e o Oblíquo, enquanto os pronomes fracos correspondem a pronomes livres, pronomes clíticos e afixos de concordância.

No que tange, especificamente, aos pronomes clíticos, afirmámos que existem vários tipos de pronomes clíticos: (i) *clíticos com conteúdo argumental*, os quais podem ser *argumentais de referência definida*, e saturam a posição dos argumentos internos dos predicado, e o *se-nominativo*, sendo este último usado para indeterminar o sujeito. (ii) *clítico argumental proposicional ou predicativo*. Neste tipo de clíticos, destacamos o clítico demonstrativo, o qual ocorre em predicados que seleccionam frases por objecto directo. (iii) *clíticos quase-argumentais*. Neste tipo de passivas, destacamos o *se passivo*, usado para construções passivas e os *dativos de posse* e os *dativos éticos*. (iv) *clítico com comportamento de afixo derivacional*. Destacamos que este tipo de clítico serve para destransitivizar o predicado principal a que se associa. (v) *clítico sem conteúdo semântico ou morfo-sintáctico*. Estes clíticos caracterizam-se por corresponder às formas do pronome reflexo que não estão associadas a qualquer posição argumental ou de adjunto.

No que tange a colocação de pronomes clíticos, deixámos claro que a posição enclítica é tida, no PE, como sendo a legítima. A posição proclítica surge, no PE, como sendo o resultado de existência de uma palavra, antes do verbo, com a capacidade de atrair o clítico para antes do verbo. A posição mesoclítica é tida como uma posição regressiva do português antigo, sendo esta a razão que faz com que os falantes nativos do PE tenham de aprender esta posição de colocação do clítico.



## CAPÍTULO II

Neste capítulo, vamos procurar fazer uma breve revisão dos estudos feitos sobre os clíticos no Português Europeu, Brasileiro e no Português Moçambicano. Esta revisão vai permitir-nos saber quais são os estudos feitos até agora em Portugal, Brasil e Moçambique, o que nos vai ajudar a perceber os principais resultados desses estudos, permitindo, deste modo, mostrar a pertinência do presente trabalho.

### Estudos sobre clíticos em Português Europeu

No português europeu, há já muitos estudos feitos sobre os clíticos especiais, entre os quais se destacam os estudos feitos por Duarte (1983), Martins (1994), Barbosa (1996), Raposo (1995) e (2000), entre outros estudos. Todos estes estudos reconhecem que, no PE, a ênclise é a posição básica de colocação de pronomes clíticos.

Martins (1994), citada por Mapasse (2007), mostra que entre o século XIII e o século XVI, o português tinha uma preferência mais acentuada pela próclise em orações não-dependentes (simples, principais e coordenadas não disjuntivas), tal como se verificava nas outras línguas românicas. Nas frases subordinadas, os clíticos eram, como no português actual, obrigatoriamente pré-verbais, mas podiam ocorrer separados do verbo por toda a espécie de constituintes interpolados, enquanto no português actual são obrigatoriamente adjacentes ao verbo.

(39)

(a) “e se *lhas* ñõ davam” (NO: 1406, apud Martins, 1994:165)

(b) “poys que *ele* ysto ouve dito” (Ogando (1980:281, apud martins, 1994:174)

Ainda segundo a mesma autora, a partir do século XVII, dá-se uma mudança. A próclise em orações não-dependentes é trocada pela ênclise.

Martins (1994) defende que, em português, ao contrário do Espanhol e de outras línguas românticas, o verbo precede o clítico na ênclise, por se mover para uma posição muito elevada, que será a mesma em que o vemos aparecer em frases-resposta a interrogativas totais.

Para esta autora, nas frases declarativas com clíticos, não havendo nenhum factor desencadeador de próclise, o V ocupa essa posição elevada da estrutura de frase, explicando-se, deste modo, a ênclise.

Barbosa (2000), citada por Mapasse (2007), discute os diferentes padrões de colocação em construções do tipo SV no PE. Assume que a posição pré-verbal no PE não é o alvo para o *movimento-A* do sujeito e defende ainda que a *posição-A real* para o sujeito no PE é à direita do verbo elevado.

(40)  $[_{IP} [_{I'} V_i [_{VP} \text{subject } t_i ]]]$  (Barbosa 2000)



As construções SV podem ser derivadas de dois modos. A partir do deslocamento do clítico para a esquerda (cf.(58)) ou do movimento A' do sujeito (cf. (59)).

(33)  $[_{IP} DP_i [_{IP} V... \textit{pro subject}_i ... ]]$  (Barbosa 2000)

(34)  $[_{FP} \text{subject}_i [_{F'} V ... t_i ]]$  (Barbosa 2000)



Os estudos feitos por quer por Martins (1994), quer por outros autores portugueses, reconhecem a existência, no PE, de dois padrões de colocação de clíticos: a ênclise e a próclise. Assim sendo, Mateus et alii (2003), justificam tal posição por acharem que a mesóclise é uma retoma, ou sobrevivência do português antigo, sendo esse motivo que faz com que este uso de pronome clítico seja, por falantes do Português, aprendida e não adquirida.

### **Estudos sobre clíticos em Português Brasileiro**

Os clíticos pronominais têm sido objecto de estudo de muitos linguistas brasileiros, tanto na perspectiva diacrónica quanto sincrónica. Desde Mattoso Câmara, em 1957, os clíticos

pronominais vêm merecendo atenção dos linguistas que apontam a variação nesse sistema pronominal.

O levantamento das formas dos clíticos ou da sua colocação no português falado considerado culto vêm sendo objecto do estudo realizado por Castilho e Basílio (1996) e Lobo (1992), respectivamente. Assim, Pagotto (1992) conclui que, com verbos simples, o PB tem sempre o clítico anteposto ao verbo, enquanto em PE temos a próclise ou a ênclise segundo regras bem definidas (cf. capítulo 1).

Outras pesquisas parecem mostrar que, relativamente ao subsistema dos clíticos, a mudança no PB abrange dois aspectos: a sua posição mudou (Cyrino, 1983; Pagotto, 1992), e houve uma queda drástica na sua frequência de ocorrência (Tarallo, 1983; Cyrino 1990).

No português brasileiro, há muitos estudos que se podem destacar sobre a colocação dos clíticos, deste Mattoso Câmara, em 1957, até à actualidade.

Os estudos de Cyrino (1990), Trallo (1983), Pagotto (1992), por exemplo, mostram que a frequência de pronomes clíticos mudou e as regras preferidas locutores na colocação dos pronomes clíticos também sofreu mudanças. Assim, alguns fenómenos relacionados com a mudança de posição apresentados por Cyrino (1990) são aqui retomados a partir do trabalho de Mapasse (2007). Este autor, a partir dum *corpus* de 200 dados para cada metade dos séculos XVII, XIX e XX, observou a distribuição dos clíticos pronominais em PB quanto à sua colocação e chegou às seguintes conclusões:

- (i) Quanto à próclise, o clítico pronominal, no século XVIII, podia ocorrer enclítico ao verbo principal, proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar ou seja o clítico era móvel. No século XX, encontra-se sempre proclítico ao verbo principal em formas verbais complexas.
- (ii) Quanto à ênclise, o clítico pronominal, no século XVIII, ocorria com o imperativo afirmativo, infinitivo impessoal e com o gerúndio. No século XX, encontra-se restrita ao pronome *o*, *a* quando há um infinitivo.
- (iii) De uma forma geral, nota-se um aumento no uso da posição proclítica, mesmo nos contextos julgados agramaticais para o PE, ou seja, no imperativo afirmativo e na posição inicial absoluta de frase.

Aquilo que se constata, na verdade, em todos estes estudos, é que no PB, a próclise é a posição consagrada e é a que domina nos registos mais espontâneos da linguagem oral. Mas a ênclise continua a ser praticada, sobretudo na linguagem escrita.

### Os clíticos no Português Moçambicano

No português falado em Moçambique, há já alguns estudos consideráveis sobre, especificamente, a colocação dos clíticos. Gonçalves (1996), (1998) e (2001), Machava (1994), Semedo (1997), Mapasse (2007) e Afonso (2009), são, entre outros, alguns estudos feitos sobre a colocação de pronomes clíticos em Moçambique. O *corpus* usado por Gonçalves (1985), por exemplo, foi oral e os informantes, geralmente, eram pessoas não eruditas, ou, no mínimo, com baixa escolaridade. Já o *corpus* usado por Mapasse (2005) e por Semedo (1997) é basicamente um *corpus* retirado de textos escritos por alunos, no caso de Semedo (1997) e por alunos do ensino secundário e por informantes de vários seguimentos da sociedade em Mapasse (2005). Com excepção de Semedo (1997), que usou alguns informantes que tinham o Português como L1, os restantes autores tiveram como informantes indivíduos que têm a Língua Portuguesa como L2.

Gonçalves (1985) denuncia três fenómenos relacionados com o uso de clíticos especiais no emergente português moçambicano, como a seguir apresentamos em (41)

(41)

- (a) A rapariga simpatizou-se com o Fernando. (PE= simpatizou com)
- (b) O padre educou-lhe muito bem. (PE=educou-o)
- (c) Estou feliz porque os acordos trouxeram-nos a paz. (PE=os acordos nos trouxeram...)

Neste quadro de uso de pronomes clíticos denunciado por Gonçalves (1985), verificamos em (a) que o pronome clítico hospedou-se junto dum verbo estanho, o qual, devido à sua natureza, naquelas circunstâncias, não se realiza com um pronome clítico. Em (b) verificamos que o pronome clítico escolhido corresponde a um OI, enquanto que o verbo selecciona um argumento interno com a função sintáctica de OD. Já em (c), o pronome clítico está na posição

enclítica numa frase subordinada, o que é viola as regras de colocação de pronomes clíticos no PE. Esta última constatação de Gonçalves (1985), também é partilhada por Machava (1994)

Afonso (2009), nos seus informantes, notou a violação da lei de *Tobler-Mussafia* em alunos que tinha televisão e assistiam às novelas brasileiras. Assim, nas frases declarativas simples ocorrem estruturas do tipo:

(42)

(a) Me diga uma coisa.

(b) Me desculpa, nunca me disse que era indisciplinada.

A referida autora explica que esta estrutura ocorre porque esses informantes assistem às novelas brasileiras que passam pelos canais televisivos do país, nas quais ocorrem estruturas desta natureza. Por sua vez, Semedo (1997) aponta a ênclise como sendo a posição que tende a generalizar-se na colocação dos pronomes pessoais clíticos em Maputo. Em relação à próclise, afirma que é usada de forma esporádica e provavelmente de forma arbitrária.

Os resultados divergentes a que chegaram todos estes estudos, levam-nos a perceber que, de facto, a área de colocação de pronomes clíticos, no emergente PM, continua a ser flutuante, não existindo, neste momento, regras sólidas, justificando-se, deste modo, a necessidade de se fazer mais um estudo nesta área.

## EM SÍNTESE

Destacámos, neste capítulo, no português europeu, os estudos feitos por Duarte (1983), Martins (1994), Barbosa (1996), Raposa (1995) e (2000), entre outros. Afirmamos que todos reconhecem que, no PE, a ênclise é a posição básica de colocação de pronomes clíticos.

Explicámos que Martins (1994) mostra que entre o século XIII e o século XVI, o português tinha uma preferência mais acentuada pela próclise em orações não-dependentes tal como se verificava nas outras línguas românicas. Nas frases subordinadas, os clíticos eram como, no português actual, obrigatoriamente pré-verbais, mas podiam ocorrer separados do verbo por toda a espécie de constituintes interpolados, enquanto no português actual são obrigatoriamente adjacentes ao verbo.

Ainda nos estudos portugueses, realçámos que Barbosa (2000) discute os diferentes padrões de colocação em construções do tipo SV no PE. Assume que a posição pré-verbal no PE não é o alvo para o movimento-A do sujeito e defende ainda que a *posição-A real* para o sujeito no PE é à direita do verbo elevado.

No português brasileiro, dissemos que estes estudos mostram que a frequência de pronomes clíticos mudou e as regras preferidas pelos locutores na colocação dos pronomes clíticos também sofreu mudanças. Assim, apresentaremos alguns fenómenos relacionados com a mudança de posição apresentados por Cyrino (1990).

Afirmámos que, apesar de, na oralidade, a próclise ser a preferida em frases básicas, a ênclise é ainda a preferida na escrita em frases declarativas.

No que tange ao emergente português moçambicano, referimos que os estudos de Gonçalves (1985) e Machava (1994), por exemplo, mostram que a ênclise é a posição preferida pelos falantes do português em Moçambique em frases subordinadas. Sublinhámos que os estudos de Afonso (2009) apontam para a preferência da posição proclítica em informantes que possuem a televisão e assistem às novelas brasileiras em frases declarativas.

## **CAPITULO III**

### **Metodologia do trabalho**

Nesta parte do trabalho, vamos descrever a metodologia que foi usada para a recolha e tratamento de dados do presente estudo. Trataremos, sobretudo, das amostras usadas, os dados sociolinguísticos dos informantes, o grau de instrução dos informantes, entre outros aspectos.

#### **Tipo de estudo**

A pesquisa feita pretende capturar a forma como os alunos do ensino secundário e superiores fazem o uso de clíticos. Pretende-se ainda com este trabalho saber se os problemas de uso de clíticos nas classes iniciais do ensino secundário são os mesmos que os exibidos pelos alunos à entrada do ensino superior. Assim, podemos afirmar que quanto à natureza da investigação, o presente trabalho é um estudo aplicado. Segundo Silva & Menezes (2001:20), este tipo de estudo visa gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos e envolve verdades e interesses locais.

O estudo pretende responder a um problema específico, que é o de saber como os alunos no ensino secundário fazem o uso de clíticos e como são usados os clíticos pelos alunos à entrada do ensino superior. O estudo pode ser considerado localizado, pois foi feito com os dados fornecidos pelos alunos da Escola Secundária de Muatala e com os dados fornecidos pelos alunos da Universidade Pedagógica, na cidade de Nampula, e visa resolver efeitos de um problema pontual, que é, como já fizemos referência, relacionado como o uso dos pronomes clíticos.

Quanto à forma de abordagem, podemos dizer que o estudo é qualitativo. Os estudos mais frequentes no campo da Linguística aplicada têm sido os qualitativos e os quantitativos. Mas as diferenças entre estes dois tipos de estudo, às vezes, são mínimas. Podemos encontrar algumas características de estudos qualitativos em estudos quantitativos e algumas características de estudos quantitativos em estudos qualitativos. A saída que tem sido encontrada, muitas vezes, devido a essa confluência de características, é a de predominância de características. Portanto, se predominam características de estudo qualitativo, ou se predominam características de estudos quantitativos, a pesquisa vai tomando o tipo mais frequente. Por exemplo, o uso de dados estatísticos é uma característica específica de estudos quantitativos, mas no presente estudo,

apesar de qualitativo, foram usados dados estatísticos e tabelas que ilustram a frequência dum determinado fenómeno. Só a frequência do fenómeno é que nos pode dar legitimidade de fazermos algumas afirmações com segurança em estudos desta natureza.

Autores como Silva & Menezes (2001:20), por exemplo, entendem que este método considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objectivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenómenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Mais adiante, os autores afirmam que este método “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.”

De facto, e como já mencionámos, apesar de o estudo ser considerado qualitativo, porque grande parte dos procedimentos nos conduzem a tal afirmação, para além de a nossa grande preocupação ter sido a de descrever a maneira como os alunos fazem o uso de pronomes clíticos, usamos os dados estatísticos, não para deduzir as respostas, o que geralmente se espera em estudos quantitativos, mas sim para dar conta da frequência de um determinado fenómeno.

Quanto aos objectivos, o estudo é do tipo descritivo. O estudo descritivo é tipicamente qualitativo. Gil (1991) entende que as pesquisas descritivas visam descrever as características de determinada população ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Afirmo ainda este autor que o estudo descritivo usa técnicas padronizadas de colecta de dados, tais como questionário e observação sistemática. A escolha do tema, como tal, foi originada pelo facto de termos constatado que estes alunos, sobretudo os da Escola Secundária de Muatala faziam um uso desviante dos clíticos. Apesar de essa constatação não assumir o grau de observação, como tal, podemos dizer que partimos da observação, embora não sistemática, de um determinado fenómeno. Aplicámos, assim, um questionário escrito aos nossos informantes, o qual nos forneceu dados sociolinguísticos, principalmente, que são muito importantes para se poder perceber alguns fenómenos que a produção escrita de textos não deixa capturar.

No que tange aos procedimentos, o presente trabalho é um estudo de caso. Fala-se geralmente em estudos de casos, quando, nas palavras de Gil (1991), envolve-se um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objectos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento. O presente estudo procurou, com muita profundidade, estudar como se



caracteriza o uso de pronomes clíticos em alunos da 9.<sup>a</sup> classe da Escola Secundária de Muatala e em alunos do primeiro ano do curso de Biologia na Universidade Pedagógica. Procuramos, no estudo, encontrar as causas profundas do uso inadequado de clíticos pronominais.

Verificámos que tanto os alunos do ensino secundário como os de ensino superior, ao usarem os clíticos em locuções verbais, colocam-nos na posição proclítica ao verbo principal. Verificámos igualmente que o uso da próclise ao invés de ênclise só acontece com alunos do ensino secundário. No ensino superior o fenómeno desaparece. Todas estas constatações e outras que poderão ser visualizadas no corpo do trabalho, na análise de dados, justificam a nossa preocupação em trazer dados detalhados sobre o uso de clíticos nestes alunos.

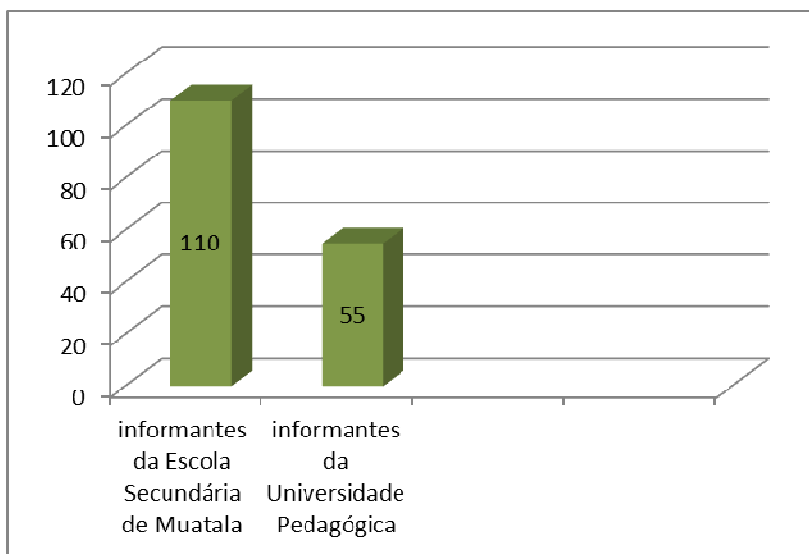
### **O universo**

Parece ser um pouco difícil quantificar o universo do nosso estudo. Mas se tivermos em conta que o universo é entendido como sendo o conjunto da população envolvida pela pesquisa, então podemos afirmar que o universo sobre o qual recai o estudo é composto por alunos da 9.<sup>a</sup> classe da escola secundária de Muatala e pelos estudantes do primeiro ano da Universidade Pedagógica Delegação de Nampula.

### **A amostra e o *corpus* do trabalho**

A amostra do presente trabalho é constituída por dois grupos: 110 alunos da Escola secundária de Muatala, da 9.<sup>a</sup> classe e 55 alunos da Universidade Pedagógica, do curso de biologia, o que totaliza 165 informantes (ver gráfico). Como bem afirmou Leiria (2006:193), “a adequação de uma amostra depende daquilo que se quer investigar”. Para o nosso estudo, e para aquilo que definimos como objectivos do trabalho, achamos que esta amostra é adequada ao nosso estudo, tendo em conta que foram produzidas 3.718 palavras, depois de as frases contendo agramaticalidades relativas ao uso de clíticos serem extraídos do texto. O gráfico que se segue, ilustra a frequência dos nossos informantes.

**Gráfico 1: Informantes por Escola**



### **O corpus**

O *corpus* do trabalho é constituído por 336 frases contendo um pronome clítico, que foram retiradas de 165 textos. Os alunos da 9.<sup>a</sup> classe da Escola Secundária de Muatala produziram 231 frases, o que corresponde a 68.7%, tendo como tema da Redacção “A minha família”. Nos restantes 55 textos, foram produzidas 105 frases por estudantes que frequentam o 1.º ano de curso de Licenciatura em ensino de Biologia, na Universidade Pedagógica, o que corresponde a 31.2%. Estes informantes produziram os textos em resposta ao tema “Sim ou não ao aborto”. Os sujeitos informantes, no ensino superior, produziram este texto no âmbito da cadeira de *Técnica de Expressão em Língua Portuguesa*, ministrada, no curso, no segundo semestre. É uma espécie de texto argumentativo, pois pedimos que os informantes defendessem uma determinada posição sobre o tema levantado.

A produção dos textos foi feita sem que eles soubessem a finalidade. O mesmo aconteceu com os textos que foram produzidos pelos alunos do ensino secundário. Não dissemos qual era a finalidade dos textos produzidos para não influenciar os resultados. A nossa percepção é a de que, sabendo os objectivos do textos, os alunos iriam produzi-lo com maior preocupação de correcção, o que poderia influenciar a actuação dos informantes. Ou seja, os erros produzidos nestas circunstâncias seriam fruto de tentativa de fazer o melhor, o que nos poderia fornecer dados falsos. Na sequência deste trabalho, a única instrução dada aos alunos tanto aos do ensino secundário geral, como os do ensino superior, foi o de produzir texto, no caso dos alunos

secundários, que trate da Família, e no caso do ensino superior, produzir texto argumentativo sobre “Sim ou não ao aborto”. Todos os textos foram produzidos na sala de aulas, na presença do professor, o qual não permitiu que, durante a produção, houvesse troca de informação e que se consultasse a internet.

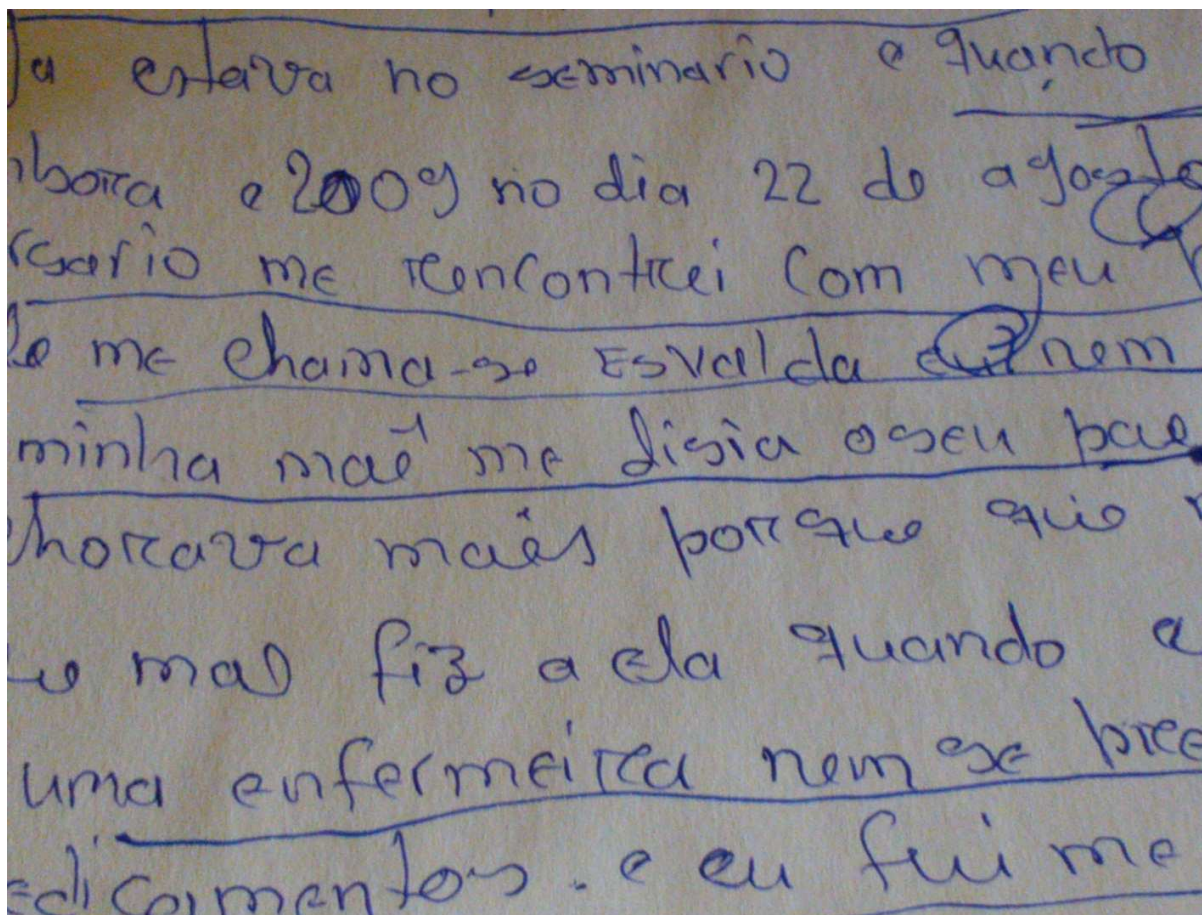
Pedimos aos nossos informantes que os textos produzidos fossem manuscritos. Pretendíamos, com os textos manuscritos, que a produção textual não sofresse influência do computador, por exemplo, que corrige alguns erros. Essa estratégia permitiu-nos capturar os problemas que são objecto do nosso estudo e outros não previstos, nem analisados neste trabalho. Como professora de língua portuguesa que somos, a vantagem da origem manuscrita dos textos é perceber profundamente outros dados linguísticos que acompanham o fenómeno do uso desviante de pronomes clíticos, facto que nos pode ajudar a desenhar estratégias completas que possam ajudar os alunos não só a superarem os fenómenos linguísticos que são objecto de estudo do nosso trabalho, como também os outros que influenciam negativamente o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa em Moçambique.

Orientámos, ainda, os nossos informantes universitários para produzirem textos contendo entre 350 a 500 palavras e aos informantes do ensino secundário pedimos que produzisse textos contendo 250 a 300 palavras. Assim, garantimos que os textos não fossem influenciados por agentes externos, ou seja, garantimos que os alunos usassem os clíticos numa forma natural, o que nos permitiu capturar a forma como cada grupo de informantes usa nativamente os pronomes em estudo.

A escolha da 9.<sup>a</sup> classe deve-se ao facto de ser uma das classes iniciais do ensino secundário, no qual, ao nosso ver, tendo em conta a situação real do país, o aluno deve possuir conhecimentos razoáveis da língua portuguesa. A escolha do primeiro ano do ensino universitário deve-se ao facto de pretendemos verificar, como já fizemos menção, os problemas relacionados com o uso dos pronomes clíticos à entrada dos estudantes nas universidades. Assim, esses dois níveis vão-nos permitir saber quais são, no concreto, os problemas relativos ao uso dos pronomes clíticos nas classes iniciais do ensino secundário e quais, de facto, os problemas relativos ao uso dos pronomes clíticos nas classes terminais do ensino secundário. O conhecimento desses problemas, vai permitir-nos fazer ilações seguras sobre o fenómeno em estudo neste trabalho.

### A construção do corpus

Para a construção do corpus, fomos lendo os textos na íntegra e sublinhávamos os trechos em que foram usados os pronomes clíticos, como a seguir ilustramos.



Depois de termos sublinhado os trechos com os pronomes clíticos, construímos o nosso corpus a partir da extração de frases contendo tais pronomes. Antes de sublinhar os trechos com pronomes clíticos, codificámos os textos. Assim, uma codificação como AD/ESM/01/01 ou MA/UPN/01/02 significa, por exemplo, as duas primeiras letras, o primeiro e o último nome do informante. As três seguintes letras significam, Escola Secundária de Muatala ou Universidade Pedagógica- Nampula. O primeiro número é o da posição da frase analisada no *corpus* e o último número é o da enumeração textos. Na transcrição do corpus, conservámos a grafia original dos informantes, o que visava reproduzir, na íntegra, a forma original da sua escrita. Não usamos, por exemplo, os símbolos, como:

< xxx > segmentos riscados  
 < ( ..... ) > segmentos riscados ilegíveis  
 / xxx / segmentos acrescentados  
 / \* xxx / leituras conjecturadas

usados por Leiria (2006), na transcrição dos seguimentos de textos contendo os pronomes, por entendermos que a nossa transcrição dos textos não era feita na íntegra, pois parece-nos que tais símbolos foram adoptados para facilitarem a captura de informação no texto integral e para capturar os problemas da escrita dos informantes numa forma isolada.

### Os nossos informantes

Os nossos informantes, como já fizemos menção, são todos estudantes, com idades entre 12 e 45 anos de idade, como se pode verificar no quadro que se segue.

**Quadro 1: idade dos informantes**

Idade dos inquiridos				
	12-16	17-29	30-39	40-45
Nível Básico	110	-	-	-
Nível Superior		47	3	5

Como se pode depreender, a idade dos alunos da Escola Secundária de Muatala situa-se no intervalo entre 12 e 16 anos. Já a idade dos alunos do ensino superior varia de 17 a 45 anos de idade. O quadro ilustra que há 47 estudantes com a idade compreendida entre 17 e 29 anos de idade. Existem 3 estudantes com a idade que varia de 30 a 39 anos de idade e existem 5 estudantes que têm mais de 40 anos. Duma forma geral, pode-se dizer que os nossos informantes são todos jovens, o que nos remete para a noção de que deviam usar correctamente os clíticos, uma vez que correspondem à idade activa da sociedade.

É importante recordar que a idade dos informantes é muito valorizada nos estudos linguísticos, uma vez que a aquisição da linguagem possui uma ligação estreita com a idade em

que se adquire a língua. Tendo em conta que a idade, nas escolas moçambicanas, está ligada ao nível de escolaridade, a mesma foi usada, neste trabalho, para indicar se os problemas de uso de clíticos representam, apenas, um estágio de aprendizagem da língua, ou se são problemas já consolidados e que são usados com toda a naturalidade por parte dos falantes.

Quanto à proveniência dos informantes, a maioria é de Nampula, com 146 informantes. Os restantes 19 informantes são provenientes das outras províncias: 2 de cidade da Beira, província de Sofala, 6 são provenientes da província de Gaza, 5 da cidade de Quelimane 1 de Niassa 3 da cidade de Tete e 2 informantes são provenientes da província da Zambézia. A informação sobre a naturalidade dos informantes é muito importante num estudo desta natureza, uma vez que as várias línguas bantu, muitas vezes L1 dos informantes, apesar de serem da mesma família, possuem as suas especificidades, as quais influenciam de forma particular a aprendizagem da língua.

Moçambique é um país que tem onze províncias agrupadas em três zonas: Norte (Cabo Delgado (CD), Niassa (NS), Nampula (NP)); Centro (Zambézia (ZB), Tete (TT), Manica (MN), Sofala (SF)); e Sul (Inhambane (IN), Gaza (GZ), Maputo (MP) e (Maputo Cidade)). A província de Nampula, local onde foi feito trabalho, é considerada a capital de Norte. A capital da província é a cidade de Nampula. Para além desta cidade, a província possui ainda a cidade da Ilha de Moçambique, um importante centro turístico e histórico, a cidade de Nacala, que foi definida pelo Governo de Moçambique como Zona Económica Especial e a cidade de Angoche.

Quanto às línguas faladas com mais frequência, segundo Mapasse (2005: 30-31), o Português tende a registar uma subida dos seus valores percentuais, contrariamente às outras línguas, o que, na sua óptica, parece evidenciar três aspectos: (i) as línguas maternas são mais faladas pela maioria dos cidadãos; (ii) em cada zona linguística, para além das línguas bantutípicas, o Português assume um papel importante na comunicação diária; (iii) a mudança linguística traduz-se, em muitos casos, pela aquisição e uso mais frequente do Português, em detrimento das línguas bantu.

É importante recordar que Moçambique é um país onde convivem várias línguas, e que segundo Firmino (2006:47), citando Guthrie (1967-71), são as seguintes as zonas, em que se encontram distribuídas as línguas moçambicanas.



línguas Korekore (S. 11), Zezuru (S. 12)<sup>6</sup>, Manyika (S. 13a), Tebe (S. 13b), Ndaue (S. 15), o grupo linguístico S. 50 (Tswa-Ronga), com as línguas Tswa (S. 51), Gwamba (S. 52), Tsonga (S. 53), Ronga (S. 54) e o grupo linguístico S. 60 (Chopi), de que fazem parte as línguas Chopi/Lenge (S. 61) e Tonga/Shengwe (S. 62).

### **5.1. O método**

Quase todos os estudos misturam métodos de pesquisa. Não há se quer um trabalho acadêmico que é feito por um único método. O que chamamos de método, neste trabalho, não quer dizer que seja o único que tenha sido usado, mas é o que mais predominou. O método, em trabalhos desta natureza, tem sido definido como sendo, segundo (Gil, 1999:26), o “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos” para que seus objectivos sejam atingidos.

O método que se adequa ao presente estudo é o hipotético-dedutivo. Este método, segundo Gil (1991:30), caracteriza-se da seguinte forma: “Quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenómeno, surge o problema. Para tentar explicar a dificuldades expressas no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas.” As hipóteses formuladas nos nossos estudos não são explícitas. Os estudos qualitativos permitem que as hipóteses não sejam explícitas. Mas como se pode notar, partimos de uma constatação e procuramos encontrar as razões que sustentam tal fenómeno naqueles estudantes.



## CAPITULO IV

### 4.1. Apresentação, análise e Discussão dos dados

Neste capítulo, pretendemos efectuar a apresentação, a análise e a discussão dos dados constantes do nosso *corpus*.

Já dissemos, na introdução deste trabalho, que a escolha de alunos secundários e de alunos universitários deve-se, essencialmente, ao facto de querermos fazer uma comparação dos problemas decorrentes do uso de clíticos à entrada do ensino secundário e à entrada do ensino superior. Estas foram as razões que fizeram com que escolhêssemos a 9.<sup>a</sup> classe, como sendo uma das classes iniciais do ensino secundário e o primeiro ano do curso de Biologia, como sendo uma dos anos iniciais do ensino superior.

#### 4.1.1. Apresentação de dados

A tabela que se segue, abaixo, ilustra a frequência de entradas correctas e desviantes relativa a padrões de selecção e colocação pronomes clíticos em alunos da escola secundária de Muatala e em alunos de ensino superior.

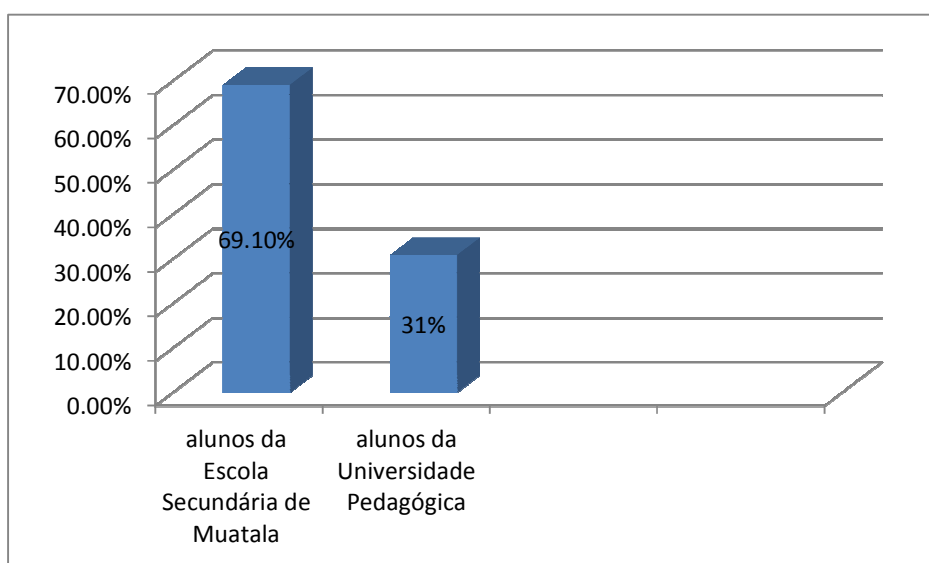
**Tabela 1: uso de clíticos de alunos secundários e universitários**

		Alunos da Escola Secundária de Muatala				Alunos do primeiro ano do curso de Biologia, na Universidade Pedagógica			
		Entradas				Entradas			
		Correctas		Desviantes		Correctas		Desviantes	
Colocação de pronomes clíticos		Quant	Fr.	Quant	Fr.	Quant.	Fr.	Quant.	Fr.
<b>Ênclise</b>		29	12.5 %	12	5.1%	32	30.7 %	14	13.4%
<b>Próclise</b>		82	35.4 %	30	12.9 %	44	43.2 %		
<b>Mesóclise</b>		-	-	-	-	-	-	-	-
Outros casos	com um verbo	-	-	21	8.2%	-	-	7	6.7%
	locuções	-	-	35	15.1	2	1.9%	4	3.8%

	verbais				%				
Seleção de clíticos	-	-	22	9.5%					
Sub-total de entradas	111	48.0 %	120	51.9 %	78	75.7 %	25	24.2%	
Total de entradas	231				103				

Duma forma global, vão ser analisadas 231 construções frásicas, contendo pronomes clíticos, produzidos por estudantes do ensino secundário e 103 estruturas frásicas contendo pronomes clíticos, produzidos por estudantes de ensino superior, totalizando 334 estruturas frásicas. O gráfico que se segue ilustra a frequência, comparativa, das estruturas frásicas produzidas por estes alunos.

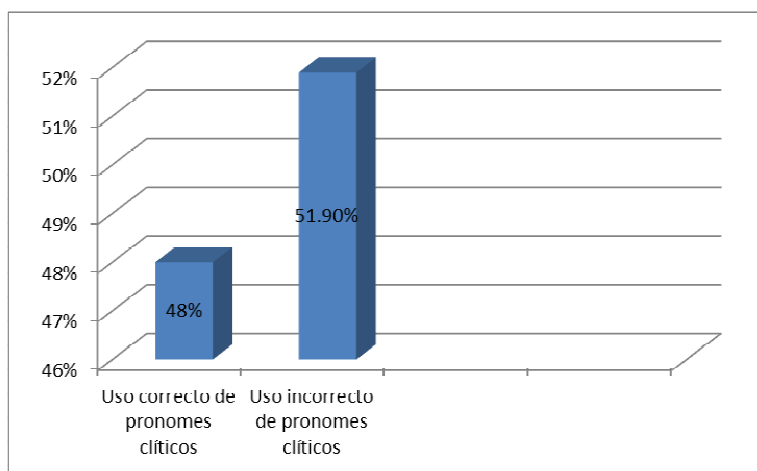
**Gráfico 2: Frequência das estruturas frásicas contendo pronomes clíticos**



Tendo em conta que foram envolvidos 110 alunos da Escola Secundária de Muatala e 55 alunos da Universidade Pedagógica, podemos afirmar, a partir dos dados ilustrados no gráfico acima, que o nível de produção de frases contendo o pronome clítico é o mesmo, se se entender que os 110 alunos que produziram 69.1% das estruturas frásicas contendo o pronome clítico correspondem ao dobro do número de estudantes universitários, que é de 55, os quais produziram 30.9% das estruturas frásicas analisadas neste trabalho.

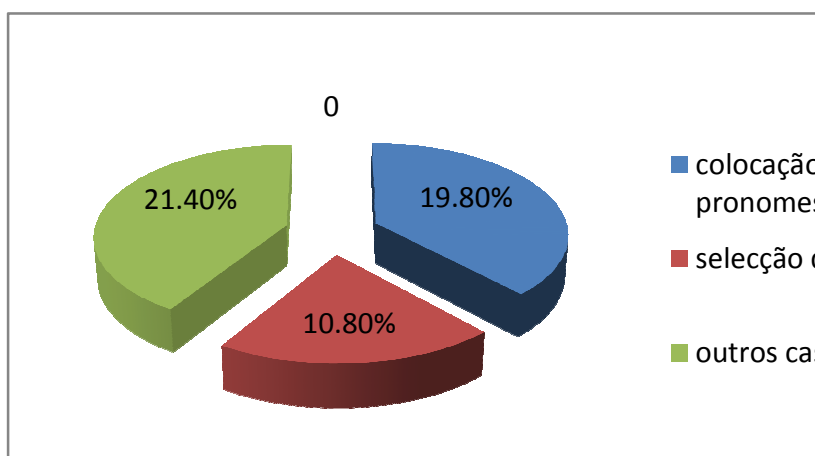
Pode notar-se, ainda, na tabela em 1, tendo em conta o *corpus* de 231 estruturas frásicas produzidas pelos alunos da Escola Secundária de Muatala, que estes alunos usaram correctamente o pronome clítico em 111 frases, o que corresponde a 48.0%, e usaram o clítico duma forma desviante em relação ao PE, em 120 frases, correspondendo a 51.9%. O gráfico 2, abaixo, ilustra esta distribuição

**Gráfico 3: Frequência das estruturas frásicas produzidas pelos alunos da Escola Secundária de Muatala**



Na percentagem relativa a desvios, que é de 51.9%, 19.8% correspondem à colocação de pronomes clíticos, 10.8% correspondem à selecção do clítico e 21.4% corresponde a outros casos. Importa referir, aqui, que o rótulo de outros casos, corresponde a estruturas que são totalmente estranhas ao PE, como são os caso de alojamento do clíticos em outras classes gramaticais, o redobro de pronomes clíticos e o alojamento, em locuções verbais, de clíticos no meio de locução, sem, no entanto, que esteja ligado, por meio de traço, ao seu hospedeiro. Na discussão de dados, iremos chamar este processo de próclise ao verbo principal, por motivos que iremos explicar.

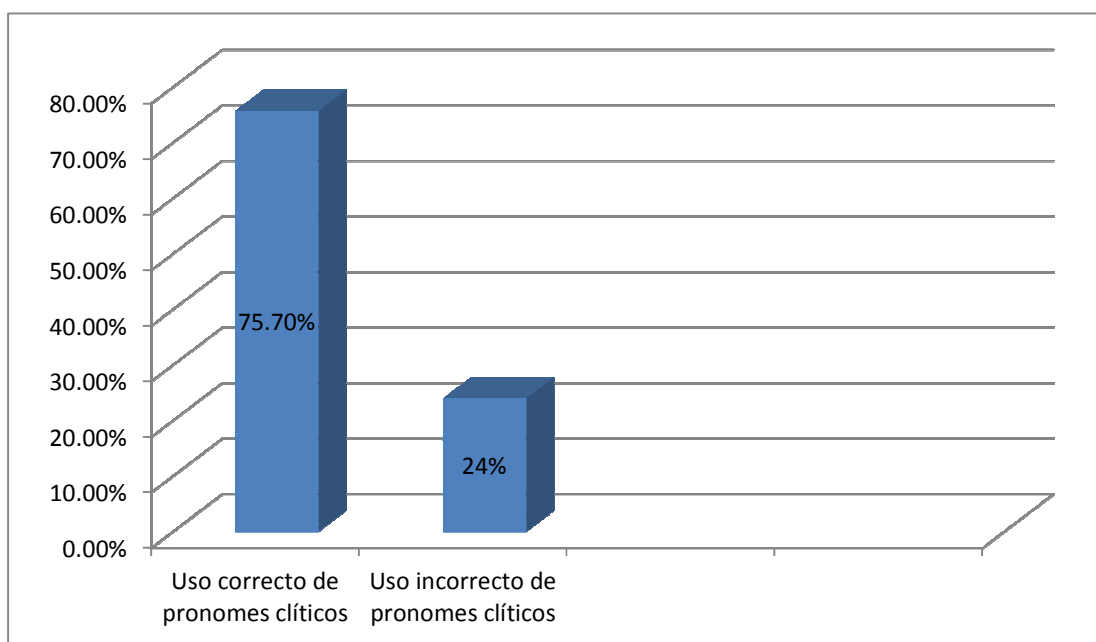
**Gráfico 4: Distribuição de desvios em relação ao PE**



Apesar de a fasquia correspondente a ‘outros casos’ representar a maior fracção de desvios, a realidade mostra que os desvios relativos a colocação de pronomes clíticos são os que oferecem, ao *corpus*, a maior percentagem de desvios relativos. É necessário, igualmente, sublinhar que, na fasquia relativa à selecção de pronomes clíticos, para além do fenómeno descrito, em todas as estruturas, deparamo-nos com os desvios relativos a colocação de clíticos. Portanto, vão ser analisados, paralelamente, dois fenómenos: a selecção e a colocação de pronomes clíticos.

No que tange a estudantes universitários, a tabela em (4) ilustra que foram produzidas 103 frases envolvendo os pronomes clíticos por estudantes universitários. Deste universo, 78 frases, correspondentes a 75.7% obedecem às regras de selecção e colocação de pronomes clíticos do PE e 25 frases, correspondentes a 24.2%, apresentam alguns desvios em relação PE, como se pode depreender no gráfico 4 que, a seguir, apresentamos:

**Gráfico 5: Uso de pronomes clíticos em estudantes universitários**



Os dados relativos aos desvios referem-se à colocação de pronomes clíticos e correspondem a 13.4% e os outros casos correspondem a 10.5%. Os desvios relativos à colocação de clíticos são decorrentes do uso de ênclise em situações em que a norma europeia regula que se use a próclise. Não foram registados casos em que se usou a próclise ao invés de ênclise.

Na tabela em 1 (cf. 38) podemos observar igualmente que os estudantes não produziram nenhuma estrutura frásica com clítico alojado na posição mesoclítica. Observa-se igualmente, na referida tabela, que a colocação de pronomes clíticos na posição enclítica ocorreu numa percentagem inferior em relação à colocação na posição proclítica e que a percentagem relativa à desvios é inferior em relação à relativa a estruturas que obedecem ao PE. Apesar da percentagem relativa a desvios ser inferior, num estudo desta natureza, esses dados são bastantes significativos e denunciam, em si, uma tendência para a mudança das regras tanto de seleção, quanto de colocação de pronomes clíticos. A tabela 2, que abaixo se segue, refere-se à frequência dos pronomes clíticos por *subcorpus*

**Tabela 2: Frequência dos clíticos pronominais**

Frequência dos clíticos pronominais por <i>subcorpus</i>			
Clíticos	Alunos do ensino secundário	Superiores	Total
Se	79	77	156
Me	99	11	110
Nos	25	-	25
Lhe	14	3	17
Lhes	2	-	2
O	-	1	1
Lo	1	2	1
Los	1		1
As	-	-	0
Os	1		1
La	1	1	2
Las	1	1	2
A	1	4	5
Te	1	3	4
Vos	0	0	0
Total	226	103	326

Uma observação global a esta tabela deixa transparecer que há défice de 5 entradas. Este fenómeno deve-se ao facto de existirem 5 frases em que os informantes não seleccionaram o pronome clítico, numa circunstância em que a regra o exigia. Podemos observar ainda que o pronome clítico *se* é o que mais foi usado quer pelos alunos do ensino secundário, quer pelos alunos do ensino superior.

Uma explicação superficial e não definitiva do fenómeno pode ser o facto de este clítico estar associado a funções distintas, tais como nominativo, ergativo, passivo e reflexo. Aliado a estas funções, está o facto de, em algum momento, existir uma homofonia, com algumas conjugações verbais, como é o caso da frase em

(1). Queria que ela entende-se que gosto muito dela CM/ ESM/48/91, que seria (1') queria que ela entendesse que gosto muito dela. Como se pode depreender, não é o clítico propriamente dito que estaria a ocupar aquela posição, mas sim a forma verbal conjuntiva do verbo entender.

O pronome clítico *me*, com 110 entradas, é o segundo pronome mais usado pelos informantes. Contrariamente ao que aconteceu com o pronome *se*, que os alunos de ensino superior usaram mais do que os alunos, apesar de os números darem uma informação contrária, o pronome *me* foi muito usado pelos alunos do ensino secundário. Depois, seguem-se outros pronomes, como são os casos dos pronomes *nos*, *lhe*, *lhes*, entre outros. Os pronomes *vos* e *as* não foram usados pelos nossos informantes.

#### **4.1.2 Análise dos dados: entradas correctas**

##### **4.1.2.1 Colocação de pronomes clíticos**

Num universo de 327 estruturas frásicas contendo pronomes clíticos, foram produzidas 111 frases correctas pelos alunos da Escola Secundária de Muatala e 78 pelos alunos da universidade pedagógica, totalizando 190 frases, que correspondem a 57.9%. Como já fizemos referência, esta percentagem é relativa a colocação de clíticos na posição enclítica, com 29 ocorrências na escola secundária de Muatala, correspondendo a 8.8% e 32 entradas em alunos do ensino superior, o que corresponde a uma cifra de 9.7%; e na posição proclítica, com 82 ocorrências nos alunos da Escola Secundária de Muatala, correspondentes a 25% e 45 entradas em alunos do ensino superior, que correspondem a 13.7%. A mesóclise não ocorreu nem em textos de alunos secundários, nem em alunos do ensino superior, correspondendo pois a 0.0%. Este facto, confirma as afirmações de Mateus *et alii* (2003), segundo as quais a mesóclise é uma sobrevivência de gramática antiga e que, mesmo em falantes nativos do português, esta posição de clítico precisa ser apreendida. A seguir, apresentamos a tabela 3, onde se ilustra a frequência das categorias que desencadearam próclise nas entradas correctas.

**Tabela 3: Frequência das categorias que desencadearam próclise nas entradas correctas**

Frequência das categorias que desencadearam próclise nas entradas correctas				
		Alunos secundário	Alunos superior	Total
Categoria dos proclisadores				
Operadores de negação	não	13	13	26
	nunca	2	-	2
	nem	3	-	3
Complementadores e palavras-Q	que	37	18	55
	para	1	-	1
	quando	3	2	5
	onde	2	1	2
	porque	6	3	9
	enquanto	1	-	1
	o			
Advérbios indutores	se		2	2
	como		3	3
	ainda		1	1
	já	1	2	3
	só	1	1	2
	até	1	-	1
	também	3	-	3
	todos	1	-	1
	sempre	3	-	3
Preposições	por	1	-	1
	para	1		1
Quantificadores	algo	1	-	1

A tabela 3 mostra que as palavras\_Q são as maiores atratores de clíticos nos nossos informantes, com um acumulativo de 55 entradas. O advérbio de negação ‘não’ é a segunda palavra que mais atraiu os pronomes clíticos para a posição proclítica, com 26 entradas.

Das 55 entradas do Q como proclisador, 36 ocorreram como pronomes relativos. Esta afirmação permite-nos confirmar que, no PM, as palavras-Q são as que mais atraem os pronomes clíticos, apesar de as outras classes de proclisadores se mostrarem potenciais.

A seguir, apresentamos em (2) algumas estruturas com o pronome clítico correctamente colocado. Veja-se que, apesar de o pronome clítico estar bem colocado, algumas frases possuem



erros de outra natureza. Não iremos analisar essas outras agramaticalidades para não fugirmos ao nosso tema.

(2)

- (a) Mais uma coisa que me deixava assustada PR/ESM/02/99
- (b) A minha família inicialmente vivia na província da Zambézia onde o meu pai e a minha mãe se oficializaram MA/ESM/15/67
- (c) Quando ele me chama-se Esvalda eu não sabia como responder. El/ ESM/32/88
- (d) Quando os meus pais me matricularam PR/ESM/03/99
- (e) Ela sempre me deu carinho EN/ ESM/118/105
- (f) E já, me, agustumei, viver, mal DA/ ESM/223/08
- (g) Daquilo que se vive neste século XXI LA/UPN/329/36
- (h) Cada uma toma a quantidade que lhe apetece LU/UPN/298/40
- (i) A informação destinava-se aos mais velhos RM/UPN/309/52
- (j) Só se a pessoa for muito inconsequente GA/UPN/248/05

#### **4.1.2.2 Entradas desviantes**

Nesta parte do trabalho, vamos analisar as entradas que são desviantes em relação ao PE (cf. Tabela 1). Das 145 frases contendo o pronome clítico mal colocado, 120 foram produzidas pelos alunos do ensino secundário e as restantes 25 frases foram produzidas pelos alunos do ensino superior. Assim, 22 estruturas possuem erros de selecção de pronomes clíticos e as restantes 98 possuem erros relativos à colocação de pronomes clíticos. É importante que se diga que todas as estruturas que possuem erros de selecção de clíticos foram produzidas pelos alunos do ensino secundário. Deste modo, iremos, primeiro, analisar, por o número ser maior, os erros relativos à colocação e depois iremos analisar as estruturas com problemas de selecção do clítico.

#### 4.1.2.3 Desvios relativos à colocação

Na tabela 4, encontram-se os resultados relativos aos desvios de colocação de pronomes clíticos, organizados por *subcorpus*.

**Tabela 4: Desvios quanto ao padrão de colocação**

Desvios quanto ao padrão de colocação					
	Ensino secundário		Ensino superior		Total
	N. ocor	Freq.	N. ocor	Freq.	
Total Ocorrências	98	79.6%	25	20.3%	123
próclise ao invés de ênclise	30	24.3%	-	-	31
ênclise ao invés de próclise	12	9.7%	18	14.6%	32
Situações de homofonia	5	4.6%	-	-	5
reduplicação de CI	6	4.8%	1	0.81%	7
Em locuções verbais	35	28.4%	4	3.2%	35
Hospedagem em outras classes gramaticais	10	8.1%	2	1.6%	12

A tabela em 4 ilustra que houve 123 entradas relativas a colocação de pronomes clíticos. A seguir, fazemos análise das entradas em que os alunos usaram a próclise ao invés da ênclise. São, ao todo, 30 estruturas. É bom sublinhar, antes de fazer a análise, que este fenômeno ocorreu, quase na totalidade, em frases declarativas.

#### 4.1.2.4Próclise ao invés da ênclise

As regras de colocação de pronomes clíticos preconizam que, em frases declarativas, o pronome clítico se hospede na posição enclítica do verbo. No entanto, nas frase em (4), os nossos informantes preferiram colocar o pronome clítico na posição proclítica, contrariando, assim, as regras de colocação de pronomes clíticos. Apesar dessa preferência, em nenhuma frase alojaram o clítico na posição inicial absoluta, o que condiciona a afirmação de que a posição proclítica em que se encontram hospedados estes pronomes é fruto de uso de regras, portanto, não se violou, por via de regra, a lei de *Tobler-Mussafia*, a qual governa as regras de colocação de clíticos de

PE. Assim, podemos afirmar que as constatações de Afonso (2009), segundo as quais os alunos da Escola Secundária de Napipine usavam o clítico na posição absoluta da frase, na oralidade, talvez se circunscrevam na oralidade, pois na escrita, não nos parece haver evidência de ocorrência desse fenómeno. Deste modo, acreditamos que, para os estudantes do ensino secundário, existem outras classes gramaticais com a capacidade de operar a próclise. A seguir, procuramos analisar as frases, mostrando algumas as classes gramaticais que concorrem para a classe de proclisadores, no emergente PM.

Uma das classe de palavras que mais operou a próclise é a de pronomes fortes, como a seguir ilustramos, em (3):

(3)

- (a). Ele *me* ensina muitas coisas MV/ ESM/82/26<sup>10</sup>  
(PE = *ele ensina-me...*)
- (b). Eles *se* casavam canonicamente. FA/ ESM/137/18  
(PE= *eles cansavam-se...*)
- (c). Eles *se* preocupam d pensam que tem irmã fora deles. MA/ESM/14/64  
(PE= *eles preocupam-se...*)
- (d). Mas eles *mi* levarão este ano NA/ ESM/109/109  
(PE= *eles levaram-me*)
- (e). Nas férias eu *a* visito e *a* ajudo na machamba TM/ ESM/125/102  
(PE= *nas feria, eu visito-a e ajudo-a...*)
- (f). Eles *se* gostam se ajudam se gostam e se protegem NF/ ESM/159/39  
(PE = *Eles gostam-se, ajudam-se...*)

Em (3), como se pode ver, a próclise ocorreu com os verbos *ensinar*, *cansar*, *preocupar-se*, *levar*, *visitar*, *ajudar* e *gostar*. O pronome clítico *se*, nas frases em que foi usado, é totalmente reflexo, apesar de também ocuparem as posições argumentais dos respectivos verbos. E os pronomes *me* e *a*, também usados nas frases, ocupam, nos verbos em que se alojaram, apenas as

---

<sup>10</sup>Outras frases deste grupo podem ser vistas nos apêndices.

posições argumentais dos respectivos verbos. Como ilustram as versões corrigidas, entre parênteses, em todas as frase, o pronome devia alojar-se na posição enclítica dos respectivos verbos.

Os pronomes possessivos e demonstrativos configuram-se, depois dos pronomes pessoais rectos, como sendo potenciais proclisadores. Assim, nas frases que a seguir analisamos, em (4), esses pronomes desencadeiam a função desempenhada por verdadeiros proclisadores.

(4)

(a). A minha *se* encontra no mercado AO/ ESM/86/93

(PE= *a minha encontra-se*)

(b). Isso *me* machoca muito AG/ ESM/195/42

(PE= *isso machoca-me*)

(c). E minha mãe *me* dizia o seu pai morreu. EI/ ESM/33/88

(PE=E *minha mãe dizia-me*)

(d). A minha mãe *si* divorciou com meu pai AE/ ESM/185/45

(PE= *a minha mãe divorciou-se*)

(e). Os meus pais *se* sacrificam todo o dia a trabalhar IM/ ESM/153/24

(PE = *os meus pais sacrificam-se*)

(f). O meu pai *nos* proíbe ir a casa dela MA/ ESM/152/23

(PE= *o meu pai proíbe-nos*)

(g). O meu irmão mais velho *me* proíbe passear AT/ ESM/182/48

(PE= *o meu irmão mais velho proíbe-me*)

(h). Agora estou muito feliz com essa família *mi* tratam muito bem AA/ ESM/178/49

(PE =*essa família trata-me*)

(i). O nosso irmão mais velho *nos* diz (...) CS/ ESM/61/78

(PE = *o nosso irmão mais velho diz-nos*)

Como se pode notar, todas as frases em (4) possuem um pronome, que pode ser possessivo ou demonstrativo. Assim, em (a), (c), (d), (f), (e), (g) e (i) temos o pronome possessivo, que funciona como deíctico e em (h) e (b) temos os pronomes demonstrativos. Os

dois grupos dos pronomes aqui analisados funcionam, como já fizemos referência, como verdadeiros proclisadores.

A palavra *a gente*, que no PE é desprovida de capacidade de atrair o clítico para a posição proclítica, nos informantes do ensino secundário parece possuir um certo poder de proclisador. Nas três frases que usaram a palavra, a mesma funcionou como um proclisador, como ilustram as frases que se seguem em (5)

(a). So nos sábados e domingos ajente se vé MA/ ESM/150/23

(PE= *agente vê-se*)

(b). No fim de semana agente se diverte muito NF/ ESM/156/39

(PE = *agente diverte-se*)

(c). Nos dias de festa a gente tenta se juntar TM/ ESM/126/102

(PE = *a gente tenta juntar-se*)

No PE, as regras que governam a colocação de pronomes clíticos preconizam que, em orações subordinadas, sobretudo aquelas em que a conjunção subordinativa é expressa, o pronome clítico deve hospedar-se na posição proclítica. Ora, nas frases em (6), temos as orações temporais a ocuparem as posições iniciais dos períodos compostos, mas nelas não ocorrem os pronomes clíticos. O referido pronome ocorre na oração subordinante, não sendo por isso, afectado pela conjunção *quando* que inicia as frases subordinadas. Em nosso entender, a justificação plausível está no facto de os nossos informantes generalizarem as regras. Isto é, sabendo que em orações subordinadas os clíticos se colocam na posição proclítica, não se aperceberam de que, estando a oração subordinada na posição inicial do período, a conjunção não exerce a sua influência na oração subordinante, optando, por isso, por colocar o pronome clítico na posição proclítica.

(6)

(a). Quando chegou *me* roubou. El/ ESM/31/88

(PE = *roubou-me*)

(b). Quando estive na 5ª classe *lhe* pede cédula BN/ ESM/77/70

(PE= *pedi-lhe*)

(d). Quando há uma festa numa província alguns membros *se* deslocam até mesma AM/ ESM/219/10

(PE= *deslocam-se*)

Há sinais de que em orações coordenadas copulativas os nossos informantes preferem usar o pronome clítico na posição proclítica ao invés de o alojarem na posição enclítica do verbo, como atestam as construções frásicas que se seguem em (7)

(a). O meu pai teve filhas fora de casamento e *se* afastou da minha mãe. JS/ ESM/88/94

(PE = *afastou-se*)

(b). Ele apareceu em 2010, e *me* apresentaram que era o meu pai LS/ ESM/19/22

(PE= *apresentaram-se*)

Ora, o PE regula que neste tipo de orações o pronome seja hospedado na posição enclítica, por a conjunção coordenativa *e* não possuir propriedades de atrair o pronome clítico para a posição adjacente ao verbo.

Apesar de haver alguma frases em que os nossos informantes preferiram usar a próclise ao invés de ênclise, em condições que o PE exige a ênclise, não nos parece ser razoável que essa seja tomada como uma regra a ser adoptada no emergente PM, uma vez a preferência por próclise em frases declarativas ter sido declinada pelos estudantes dos ensino superior. Portanto, não houve nenhuma frase em que este grupo de estudantes usou a próclise ao invés de ênclise. Este facto mostra que, provavelmente, a adopção da próclise em frases declarativas represente, em si, um estágio de aprendizagem de uma L2 ainda não consolidada.

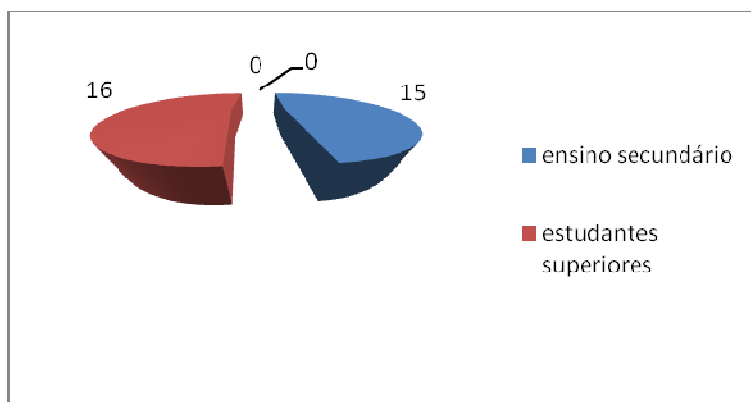
A propósito dos estágios de aprendizagem de uma lingua2, Oliveira (2005:2), num artigo intitulado “*A aquisição da preposição no português como L2: complementos verbais dativos*” cita Herschensohn (2000), o qual propõe 3 estágios para a aquisição da L2. Assim, para a autora, a aquisição de L2 depende da aquisição da morfologia e do léxico, os quais ocorrem gradualmente. No primeiro estágio, ocorre a transferência da gramática da L1. Aqui, é preciso que se diga que a transferência da gramática da L1 não ocorre numa forma homogénea, ou seja, não é feita de uma forma linear; é, isso sim, feita numa forma gradual e em outros mini-estágios, acompanhada de algumas incontinuidades, características desse processo.

Retomando a explicação de Oliveira (2005), podemos ainda afirmar que para ela o estado inicial da L2 é a gramática de L1 com um número limitado de itens lexicais de L2. O segundo estágio é caracterizado pela emergência de gramáticas intermediárias. Os valores paramétricos da L2 são adquiridos gradualmente. O terceiro estágio corresponde à fase em que ocorre a remarcação do parâmetro de acordo com os valores de L2. Como se pode depreender, podemos afirmar que os nossos informantes do ensino secundário se encontram, ainda, no segundo estágio, o qual, tal como vimos, caracteriza-se pela emergência de gramáticas intermediárias, sendo por isso justificável que não se considere a próclise que ocorre nestes estudantes em frases declarativas como sendo denunciadora de marcação de um determinado parâmetro de colocação de pronomes clíticos, no PM.

#### 4.1.2.5 A ênclise ao invés da próclise

O uso da ênclise ao invés de próclise originou 15 desvios em alunos do ensino secundário e 16 desvios em textos dos estudantes superiores, conforme ilustra o gráfico comparativo 5.

**Gráfico 6: uso da ênclise ao invés de próclise**



Com as expressões *todo*, *também*, *sempre*, *até* e *só* ocorre a próclise no PE. Nos nossos informantes, há evidências de que essas expressões perdem, embora não seja com frequência elevada, a propriedade de atrair o clítico para a posição proclítica. Os informantes superiores só

produziram uma frase com o pronome clítico nestas circunstâncias, contra 5 frases produzidas pelos alunos do ensino secundário. Assim, parece-nos, à medida que os alunos vão aumentando a sua escolaridade, que este problema se vai reduzindo. As frases que se seguem, em (8) ilustram este fenómeno:

(8)

(a). toda família ajudarem-se uns ãos outros LB/ ESM/104/98

(PE = *toda a família se ajuda?*)

(b). Também ele aconselha-nos AA/ ESM/180/49

(PE= *também ele nos aconselha*)

(c). Todos eles consideram-se como irmã de sangue GA/ ESM/206/54

(PE = *todos eles se consideram*)

(d). Os meus pais sempre educaram-nos IM/ ESM/155/24

(PE= *os meus pais sempre nos educaram*)

(e). Queria dizer que até agora unimo-nos AR/ ESM/184/46

(PE= *até agora nos unimos*)

(f). Só obriga-os a enverdar pela abstinência JC/UPN/289/34

(PE = *só os obriga*)

A ocorrência de ênclise ao invés de próclise ocorreu em frases subordinadas. Assim em orações relativas, causais, temporais e completivas, ocorreu ênclise ao invés de próclise, como prevê a norma do PE.

(9)

(a). O pai era um professor da imape quando casou-se com a minha mai TB/ ESM/210/52

(PE= *quando se casou com a minha mãe*)

(b). Uma amigo que emprestou-me um valor de 500 mt CI/ ESM/49/82

(PE = *que me emprestou*)

( c). O feto que estima-se sejam realizados anualmente RI/UPN/335/46

(PE= *que se estima*)

(d). Os meus avós faleceram foi muito triste porque não conhece-os NA/ ESM/65/76



(PE = *porque não os conhece*)

(e). A minha família é muito boa porque cuidam-se uns aos outros. MV/ ESM/81/26

(PE= *porque se cuida*)

(f). É que juntava-se com outrem formando um novo lar RM/UPN/310/52

(PE= *que se juntava*)

(g). Não acham que neste caso o aborto justifica-se? ER/UPN/275/16

(PE= *que, neste caso, o aborto se justifica*)

Na frase em (a), o clítico alojou-se na posição enclítica numa oração temporal, na (b) e (c), o clítico alojou-se em frases relativas, em (d) e (e). o clítico alojou-se na posição enclítica em orações causais e por fim, o clítico comportou-se de iguala forma em frases completivas. Lembre-se que estes fenómenos já vêm sendo denunciados por Firmino (1988), Machava (1994) e Nascimento (2005). Gonçalves (1996:317) chega a afirmar que “a tendência que se apresenta de forma mais sistemática diz respeito à colocação dos clíticos em posição pós-verbal em orações subordinadas”. Mas parece ser Mapasse (2005) quem avança com uma proposta de explicação plausível, a qual afirma que “podemos formular a hipótese de que estes desvios à norma padrão resultam da dificuldade em identificar os indutores da próclise, por pertencerem a categorias muito variadas e de natureza sintáctico-semântica diversificada.”

De facto, parece que os nossos informantes não dominam a noção dos introdutores de próclise. Como se pode lembrar, no nosso corpus, as frases correctas com o pronome clítico na posição proclítica são em número mais elevado em relação as que são erradas. Mas o problema não termina aqui. Se a hipótese levantada por Mapasse (2005) é, de facto, convincente, então há uma questão urgente por colocar: se o problema de ênclise ao invés de próclise é originado por falta de domínio de introdutores de próclise, então como se justifica que o problema persista em várias gerações e em várias camadas sociais, na oralidade e na escrita?

A resposta pode ser buscada na Hipótese do *input*, uma teoria generativista proposta por Krashen (1978) e usada por Gonçalves (2005). Usando esta teoria, Gonçalves (2005:51) explica que “no processo de aquisição da L1 ou da L2, os dados linguísticos primários a que a criança está exposta desempenham um papel crucial, fazendo emergir as propriedades gramaticais da língua a ser adquirida.” Afirma ainda esta autora que “este é o chamado modelo de aquisição da

linguagem ‘convergência com o *input*’ (“*input*<sup>11</sup> matching”), de acordo com o qual são as produções linguísticas a que estão expostos os aprendentes que fazem emergir os valores de parâmetro específicos de uma língua.”

Assim, o *input*, entendido como sendo o *intake* (o insumo) da L2 a que um aprendente de uma determinada língua está exposto, é responsável pelo *output* que este aprendente produz. Ou seja, se o aprendente de uma L2 está exposto a um *input* com agramaticalidades, então, este aprendente vai reproduzir, também, estruturas agramaticais. Na sua Hipótese de *input*, Krashen (1985:3) explica que a falha que se verifica na aprendizagem de uma L2, não pode ser explicada, apenas, pelo facto de um determinado aprendente estar ou não exposto a um *input* compreensível, “o aprendiz precisa estar ‘aberto’ ao *input*” e introduz, na sua teoria, o termo “filtro afetivo”. Para ele, “o ‘filtro afetivo’ é um bloqueio mental que impede os aprendizes de utilizar plenamente o *input* compreensível que recebem para a aquisição de língua”. Assim, “os aprendizes pouco motivados, inseguros, ansiosos, e com baixa auto-estima teriam um filtro afetivo alto, o que impediria a conexão do *input* com o DAL”. Em Krashen (1985), um indivíduo com o filtro afetivo alto pode compreender o que ouve ou lê, mas o *input* não atingirá o DAL”.

Então, as dificuldades em identificar os introdutores de próclise, levantadas, acima, por Mapasse (2005), como possíveis causas dos erros, só podem se assentarem nesta teoria, mas com duas ramificações de hipóteses possíveis. A primeira hipótese pode assentar-se no facto de os nossos informantes estarem expostos a *input* compreensível, mas agramatical, o qual posteriormente condiciona o *output* destes informantes. Ou por outra, é possível que estas agramaticalidades sejam fruto do português que circula na escola, nos órgãos de informação e na sociedade em geral. As causas destes erros podem ainda, como segunda hipótese, serem explicadas a partir do facto de estes informantes receberem um *input* compreensível, mas terem um filtro afectivo alto, o que, naturalmente, impediria a conexão do *input* com DAL, criando insucesso na aprendizagem das regras que governam a colocação de clíticos em frases subordinadas.

Para Mapasse (2005), a explicação de posição enclítica em orações subordinadas assenta, ainda, no facto de ocorrer material lexical entre o elemento introdutor da subordinação e o hospedeiro verbal do clítico, como em (9 (g)). Tendo em conta as afirmações de Gonçalves (2005:51), segundo as quais “no processo de aquisição da linguagem, os valores de parâmetro

---

<sup>11</sup>O itálico é nosso

que não convergem com a gramática-alvo (L1 ou L2) podem ser fixados de novo, desde que os aprendentes estejam expostos a evidências que mostrem a necessidade de uma reestruturação gramatical”, então podemos, não pela frequência, mas pela persistência do fenómeno, propor que a ênclise, em orações subordinadas, seja tomada como uma regra a ter em conta no Português em Moçambique, uma vez haver evidências fortes que mostram a necessidade de uma reestruturação gramatical, ao se fixar novos parâmetros de colocação de clíticos em frases subordinadas.

A diferença entre o uso de próclise ao invés de ênclise e ao uso de ênclise ao invés de próclise reside no facto de, no uso de próclise ao invés de ênclise, haver marcas de uma aprendizagem mal conseguida, ao ocorrer, pelo menos nos nossos informantes, somente nos informantes do ensino secundário. Estes dados levam-nos a pensar que estes informantes ainda se encontram no segundo estágio de aquisição duma língua segunda. Já o uso de ênclise ao invés de próclise em orações subordinadas mostra ser um processo já ‘maduro’, uma vez que, ao que nos parece, é um fenómeno que abrange todas camadas sociais, o que nos levou a pensar que, neste caso, se fixou um novo parâmetro de colocação de clíticos, o que nos encorajou a propor que a ênclise em orações subordinadas seja tomada como padrão.

#### **4.1.2.6 Situações de homofonia**

Aquilo a que chamamos, nesta parte do trabalho, de homofonia é o conjunto de situações em que determinadas conjugações verbais confundem os nossos informantes com situações de colocação de clíticos. Estas situações ocorreram, apenas, em estudantes do ensino secundário. Portanto, nas referidas frase não temos clíticos, mas morfemas que têm a forma de clítico; por isso, embora esta situação fuja do nosso objecto de estudo, a sua análise irá basear-se, apenas, na reconstituição da forma verbal.

(10)

- (a). Queria que ela intende-se que gosto muito dela CM/ ESM/48/91( = *entendesse*)
- (b). Ela conversa com os meus pais para que pude-se me levar pra viver com ela. FA/ ESM/19/77 (= *pudesse*)
- (d). Eu queria que conclui-se a 12ª classe e fase-se um curso HR/ ESM/173/35 (= *concluisse*)
- (e). Mas eu queria muito ajuda-se a minha família HR/ ESM/172/35 (= *ajudasse*)

#### 4.1.2.7 Clítico que se hospeda em outras classes gramaticais

Não foi denunciado, em todos os estudos de que fizemos menção neste trabalho, a colocação de pronomes clíticos em outros materiais lexicais que não sejam os verbos. É bom lembrar que, no português, os hospedeiros de clíticos especiais são os verbos. Este processo de alojamento de clíticos em outras classes gramaticais é um fenómeno próximo, em alguns casos, com o que se chama de “subida de clítico”. Diferentemente do fenómeno de homofonia, a hospedagem de clíticos em outras classes gramaticais abrangeu os alunos do ensino superior. Atente-se para as frases em (11)

(11)

(a). Até às vezes quando-a provoco me arrependo muito. CM/ ESM/46/91

(PE = *quando a provoco*)

(b). Mas meu pai nunca-se deixou por vencido NM/ ESM/69/72

(PE = *nunca se deixou*)

(c). Eles tanto-me amam AJ/ ESM/96/96

(PE = *tanto me ama*)

(d). A minha família quando alguém-se gosta muito LP/ ESM/222/06

(PE = *quando alguém se gosta*)

(e). Não-memaltratrão agradeço por isso tudo NA/ ESM/165/32

(PE = *não me maltrataram*)

(f). Não-se zangamos NA/ ESM/162/32

(PE= *não nos zangamos*)

(g). Os pais ficam cansados deles e-lhes deixam. AJ/ ESM/97/96

(PE= *e deixam-nos*)

(h). elapelomenos-secracifica AG/ ESM/196/42

(PE= *ela pelo menos se sacrifica*)

(i). Na minha família eu lembro me várias coisas PR/ESM/01/99

(PE = *Lembro-me de várias coisas*)

(j). Cada um destes não-a assume a responsabilidade GM/UPN/240/12

(PE= *não a assume*)

(l). Consoante o ambiente que-a favorece NM/UPN/252/22

(PE = *o ambiente que aa favorece*)

Repare-se que os casos que designamos de hospedagem em outras classes gramaticais sempre ocorrem na posição enclítica da palavra que aloja o clítico. Muitas vezes, a palavra hospedeira é um proclisador. Isto leva-nos a formular a hipótese de que o clítico que se encontra alojado nestas palavras é o que devia estar na posição proclítica do seu respectivo hospedeiro.

#### 4.1.2.8 Uso de clíticos em locuções verbais

Nesta parte do trabalho, temos a ocorrência de 39 frases, sendo 35 de alunos do ensino secundário e 4 de ensino superior. Estas estruturas correspondem a 100% das locuções verbais nos textos produzidos pelos nossos informantes. Nas estruturas (a), (b), (c) e (d), o verbo que foi usado para auxiliar o principal é o verbo *ter*. Em (e), (f) e (g) temos o verbo *ser* como verbo auxiliar. As regras de colocação de pronomes clíticos regem que, segundo o *Prontuário Ortográfico*, de Bergstrom & Reis (2007:110), os clíticos colocam-se na posição proclítica dos verbos *ter* ou *ser*, se na frase houver um proclitizador e colocam-se na posição enclítica aos verbos *ter* ou *ser* se não houver um proclitizador na frase. Nas frases em estudo, havendo locuções verbais, verifica-se que o pronome clítico se alojou na posição proclítica em relação ao verbo principal. A gramática lusa não prevê estas situações, o que as torna agramaticais.

(12)

a) Meu pai tem *mi* ajudado muito FR/ESM/11/62

(PE= tem-*me* ajudado)

b) Ela tem *mi* ensinado muita coisa FR/ESM/12/62

(PE= tem-*me* ensinado)

c) A minha mãe sofre muito de vista mas graças a deus tem *se* curado TM/ ESM/127/102

(PE= tem-se curado)

d) Uma acção que tem *se* verificado bastante NM/UPN/251/22

(PE= que *se* tem verificado)

e) Ela mudoufoise tornando uma pessoa muito má. EI/ ESM/27/88

- (foi-se tornando)
- f) Eu fui *me* tornando uma criança muito infeliz EI/ ESM/29/88  
(fui-me tornando)
- g) Tudo foi *se* arranjado pouco a pouco. HI/ ESM/35/57  
(foi-se arranjando)
- h) Também a minha família foi *se* aumentando. HI/ ESM/36/57  
(PE = foi-se aumentando)
- i) Esta espécie foi *se* multiplicando AA/UPN/291/33  
(PE= foi-se multiplicando)

A posição que assumimos de que o pronome clítico, nestas circunstâncias, está alojado na posição proclítica em relação ao verbo principal, é sustentada pelo facto de entre o verbo auxiliar e o pronome não haver um traço de união, o qual iria conferir a gramaticalidade à frase, o que seria legitimado pela regra de subida de clítico. Assim sendo, o verbo principal assume o protagonismo de hospedeiro do clítico, na posição proclítica, desviando-se das regras.

O mesmo fenómeno verifica-se nos textos produzidos por estudantes universitários. Este facto mostra, em si, que à entrada da universidade, o problema de colocação de clíticos especiais em locuções verbais contendo como auxiliares os verbos *ter* e *ser* não é superado pelos estudantes. Este facto denuncia que os nossos informantes, quer os da escola secundária, quer os da universidade, não reconhecem a existência destas regras de colocação de pronomes clíticos em locuções verbais envolvendo os auxiliares *ter* e *ser*, como se pode ver em (12)

Demais, as regras de colocação de clíticos regulam que, se na frase ocorrerem verbos modais (dever, poder) ou perífrases aspectuais (estar a, começar a, etc.), os clíticos colocam-se, se houver proclisadores, ou à direita do verbo que se encontra no infinitivo, ou à esquerda do verbo modal. Se não se derem as condições indicadas, os clíticos colocam-se à direita do verbo modal ou do verbo no infinitivo<sup>12</sup>. Portanto, não há espaço para que o clítico esteja alojado na posição proclítica ao verbo principal. Assim, os clíticos que estão alojados nas estruturas frásicas que se seguem desviam-se desta norma.

(13)

---

<sup>12</sup> Cf. Bergstrom & Reis (2007)

- a) O meu pai está a se esforçar FM/ ESM/198/31  
(está a esforçar-se)
- b) Eu disse não vou te duer PS/ ESM/24/83  
(PE= *não te vou doer*)???
- c) Onde é que vivo para estar a lhe ajudar JG/ ESM/115/107  
(PE = estar a ajudar-lhe)
- d) Eles também querem nos ver felizes NF/ ESM/157/39  
(PE = *nos querem ver felizes*)
- e) ele conseguiu nos dar pouco dos ele tem FS/ ESM/169/36  
(PE = *conseguiu dar-nos*)
- f) . Meu pai mandou me chamar TB/ ESM/208/52  
(PE = *mandou-me chamar*)
- g) Deve se abster dentro da família AA/UPN/292/33  
(PE= *Deve abster-se*)
- h) Logo deve se realizar o aborto ER/UPN/276/16  
(PE = *deve realizar-se*)

Todo este processo é igual àquele que se verificou no movimento do PE para PB, pois Cyrino (1996: 170-171), citado por Mapasse (2005) no estudo que fez sobre a mudança da posição dos clíticos em PB, concluiu que “há uma mudança nos padrões de ocorrência da próclise, ou seja a ocorrência de *clíticos* é progressivamente restringida.” Portanto, em PB actual, em orações com uma forma verbal complexa, o clítico pronominal está associado ao verbo mais baixo.

(14) João vai [*me* dar] um livro. (Cyrino, 1996)<sup>13</sup>

Nas palavras de Cyrino (1996) citado por Mapasse (2005), esta restrição deve-se a uma reanálise para a posição do clítico pronominal, a partir de frases matrizes contendo formas verbais complexas, em que a posição enclítica era possível ao verbo auxiliar. Ao ser confrontada, oralmente, com frases do tipo:

(15) João vai-*me* dar um livro. (Cyrino, 1996)

---

<sup>13</sup>O exemplo foi extraído de Mapasse (2005)

a criança pode ter interpretado o clítico pronominal não como enclítico ao verbo auxiliar (cf. (15)) mas como proclítico ao verbo principal, conforme a frase (14). De facto, isso é indiscutível. Mas como se explicaria a ocorrência do mesmo fenómeno em adultos, na oralidade e na escrita e em todas camadas sociais? Novamente, iríamos buscar a hipótese do *input*, por ser aquela que nos parece oferecer bases sólidas para a explicação deste fenómeno. É bom recordarmos que, em todas as frases em que os nossos informantes usaram locuções verbais, o clítico foi alojado na posição proclítica em relação ao verbo principal.

Assim, parece-nos ser legítimo afirmar que, no emergente PM, a colocação do clítico na posição proclítica ao verbo principal, quer na frase haja, ou não, proclisadores, é a que se candidata como sendo a principal, devendo, por esta via, ser adoptada como norma no emergente PM.

#### 4.1.2.9 Redobramento clítico

Nas frases que se seguem em (16), usa-se duas vezes o mesmo pronome clítico. Os verdadeiros redobros de clíticos acontecem com as estruturas em (a), (b) e (c). Em (a) o clítico usado foi o *o* antes do verbo *ajudar* e depois dele, o qual, em ambos os casos, recebe o caso acusativo. O clítico usado em (b) foi o *me*, qual recebe o caso dativo. Por fim, em (c) temos o pronome clítico *a*, que recebe o caso acusativo do verbo *ter*. Já em (d), (f), (g) temos uma falsa reduplicação de clíticos, uma vez notarmos que o verdadeiro clítico é o que se aloja na posição proclítica e que o que está na posição enclítica é morfema da conjugação verbal dos respectivos verbos, um fenómeno próximo ao descrito em (10). Em (e), o que temos, na posição proclítica, é um morfema de condição. Portanto, não é clítico.

- a) Eles precisam de mi para o ajuda-lo EM/ ESM/52/81

(PE = *para os ajudar*)

- b) A minha mãe me ensinou-me como se comportar FR/ ESM/57/79

(PE = *ensinou-me*)

- c) Também perdeu a vida antes de eu a te-la na memoria GJ/ ESM/19/104

(PE = *de eu te-la*)

- d) Pediu que se celebra-se FA/ESM/08/100



(PE = *se celebrasse*)

- e) Meu pai faleceu em 2005 ca em Nampula mesmo se vive-se não conseguia nada para poder nos

sustentar CM/ ESM/43/91

(PE = *se vivesse*)

- f) Eu fui o unico que deixou de mamar sem que a minha mãe me fije-se deixar de mamar DB/ ESM/53/80

(PE = *me fizesse*)

- g) Os membros familiares se controla-se JM/UPN/250/11

(PE = *se controlassem*)???

Mais uma vez, este fenómeno só foi registado em estudante do ensino secundário, o que nos leva a acreditar que tal represente uma fase passageira de aquisição de pronomes clíticos.

### 4.1.3 Selecção de clíticos

#### 4.1.3.1. Lheísmo<sup>14</sup>: falsos dativos

Vamos analisar alguns desvios, nesta secção, resultantes da má selecção de pronomes clíticos. Em (17), podemos ver estruturas frásicas em que o pronome clítico seleccionado é *lhe*. Este clítico, no PE, satura, apenas, o argumento com a função sintáctica de OI, apesar de existir algumas especificidade, como já fizemos referência neste trabalho. Assim, no PE, os verbos *provocar*, *chamar*, patentes nas estruturas em (a), (d) e em (e), são designados verbos de dois lugares, um externo, saturado por um SU e o outro interno saturado por um OD. São verbos que possuem o seguinte esquema relacional: SU V OD. O elemento que satura a posição de OD, recebe do verbo, o caso acusativo, a partir, geralmente, dos pronomes *a/as/o/os/ e me*. Portanto, uma selecção correcta dos pronomes clíticos com estes verbos tinha que recair sobre estes pronomes, mediante o caso.

Já os verbos *Insistir*, em (b) e *gostar*, em (c), apesar de serem de dois lugares, exigem que o argumento interno seja introduzido por uma preposição, a qual, sendo diferente de *a* e a introduzir um SN [-HUM], não pode ser considerada como sendo introdutora de um verdadeiro OI, mas sim de um oblíquo. Deste modo, nas referidas estruturas, temos o seguinte esquema

---

<sup>14</sup> Mapasse chama este processo de Leísmo

relacional: SU V OBL. Este último elemento possui características que fazem com que não seja substituído por *lhe*, sendo esta a diferença principal entre o que chamamos de verdadeiros OIs e os chamados Oblíquos. Aqui, é evidente que na seleção deste pronome, para além do desconhecimento das regras que regem a sintaxe, os alunos não sabem que estes pronomes correspondem a determinadas funções sintáticas.

(17).

a) Nós ficávamos a *lhe* provocar PR/ESM/07/99

(PE= *provoca-lo*)

b) Mas a minha mãe sempre insistia-*lhe* de não fazer aquelas todas coisas Dc/ ESM/21/84

(PE= *insistia nele*)???

c) As pessoas não *lhe* gostam NA/ ESM/163/32

(PE = *não gostam dele*)

d) Os meus pais tem-*lhe* chamado muito. MA/ESM/17/67

(PE = *tem-no chamado*)

e) O meu pai chama *lhe* Feliciano HF/ ESM/205/55

(PE = *chama-o Feleciano*)

#### 4.1.4 Falsos acusativos

Chamamos de falsos acusativos aos pronomes clíticos que saturam anormalmente a posição de acusativos na frases. Com o verbo *pedir*, os nossos informantes seleccionaram o pronome clíticos *a*, em (a). Ora, este verbo ocorre no PE com três argumentos. Um externo e dois internos. Portanto, *alguém* (SU) *pede algo* (OD) *a alguém* (OI). O lugar que foi ocupado pelo pronome clítico devia, por via de regra, ser ocupado por um pronome dativo. Neste caso, como se trata da terceira pessoa do singular, o clítico adequado seria, para ambos os casos, o clítico *lhe*.

(18). Constumo a sentir vergonha e pedi-la desculpa CM/ ESM/47/91

(PE= *Pedir-lhe desculpas*)

O que se verifica, em (18), é que por via de regra, quando ocorre clítico que funcione como um OI, troca de lugar com o OD. Assim, como se pode verificar, a palavra *desculpa* patente na estrutura é um verdadeiro OD e trocou de posição com OI por este ocorrer, na referida frase, sob forma de clítico.

Em (a), (b), (c), (d) e em (e), temos o pronome clítico *se*. Este pronome foi usado ao invés dos pronomes *Nos*, em (a), (b), (c) e em (d), em virtude de o pronome forte correspondente ser *Nós*, e por sua vez, corresponder a pronome *Nos*. Estando o pronome *se* a ocupar a posição de OD dos verbos *alimentar*, *respeitar*, *ajudar*, então diríamos que estamos perante um desvio, uma vez o pronome selecionado não corresponder a OD, nas estruturas em que se encontra. Já em (h), o verbo em causa é *preocupar-se*. Como se pode notar, ele realiza-se, por sua natureza, com o pronome clítico *se*. Mas à medida que se vai fazendo a flexão do verbo, ele vai selecionado outros pronomes clíticos. Assim, como a pessoa usada na referida frase é *nós*, então o pronome correspondente deveria ser o *nos*

O pronome *se*, que se alojou na estrutura em (i), não corresponde ao pronome forte eu, uma vez corresponder à 3.<sup>a</sup> pessoa. Sendo a primeira pessoa do singular o pronome forte usado, então o pronome clítico correspondente devia ser o *me*.

(19)

a) Não cumemos ou não se alimentamos bem TB/ ESM/207/52

(PE= *Não nos alimentamos*)

b) A minha família se respeitamos muito AJ/ ESM/100/97

(PE= *respeitamo-nos*)

c) Nós enfrentamos problemas familiares se ajudando GA/ ESM/229/04

(PE= *ajudamo-nos*)

d) Apesar de sermos pobres se preocupamos uns aos outros CM/ ESM/41/91

(PE= *preocupamo-nos*)

e) O 1.º irmão que nesse momento eu sentia-se muito NM/ ESM/68/72

(PE = *eu sentia-me*)

#### 4.1.5 Falsos oblíquos

O verbo *bater* é, sem dúvidas, um daqueles que, no PM, possui outro parâmetro de subcategorização verbal. Na estrutura em (21) este verbo, que subcategoriza um SN introduzido

pela preposição *em*, perde esta preposição e funciona como um simples verbo transitivo directo. Eis por que o pronome seleccionado não foi *mim* e foi *mi*, que é a forma fónica do pronome OD *me*.

21. O dia seguinte voltava a mi banter NM/ ESM/12/72

(PE = *bater em mim*)

#### 4.1.6 Os pronomes Fortes na posição de pronomes clíticos

Registamos apenas um caso em que um pronome forte está a ocupar a posição que, por norma, devia ser ocupado por um pronome oblíquo. Do mesmo modo que um pronome clítico não pode ocupar a posição inicial absoluta, um pronome recto não pode receber o caso objectivo. Neste caso, o verbo *conhecer*, que devia ser saturado por um pronome clítico na posição oblíqua, neste caso o pronome *o*, ocorre com o pronome *ele*, o que torna a frase agramatical.

22. Quando a família conheceu ele DJ/ ESM/138/19

(PE = *conheceu-o*)

Mais uma vez, o fenómeno de má selecção de pronomes clíticos ocorreu apenas em alunos secundários. Apesar de, no nosso *corpus*, tal fenómeno não ter ocorrido, outros estudos mostram que, em níveis superiores, também ocorrem fenómenos de má selecção de clíticos.

## EM SÍNTESE

Nesta parte do trabalho, procedemos à apresentação dos dados e fizemos a respectiva análise. Da análise feita, constatámos que os alunos do ensino secundário alojam o pronome clítico na posição proclítica, em situações que o PE não exige.

Defendemos a ideia, perante a constatação anterior, de que tal fenómeno se deve ao facto de estes alunos se encontrarem numa fase não estacionária de aprendizagem da língua portuguesa e defendemos que este fenómeno, com o recurso à aprendizagem, é superado.

No caso em que os alunos, tanto os do secundário, como os de ensino superior, usam a ênclise em orações subordinadas, apesar de desvios desta natureza serem relativamente inferiores, quando comparados com as estruturas corretas correspondentes, propusemos que a ênclise nas orações subordinadas fosse adoptada como norma no emergente PM, porque entendemos que se tratava de fixação de um novo parâmetro de colocação de clíticos, uma vez outros estudos terem provado que este fenómeno ocorre em todas as camadas sociais.

Um outro fenómeno amplamente discutido neste capítulo é o de alojamento de pronomes clíticos na posição proclítica ao verbo principal, em locuções verbais. Propusemos que esta regra fosse adoptada no emergente PM, não só pelo facto de, em todas as estruturas contendo locuções verbais os nossos informantes tanto do ensino secundário, como os de ensino superior terem optado por alojar o clítico na posição proclítica ao verbo principal, como também pelo facto de este fenómeno ter sido já constatado nos estudos de Mapasse (2005), Gonçalves (1996) e em outros quadrantes do mundo. Sublinhamos que o PB adoptou este padrão de colocação de clítico e que, no PM, o clítico está a ter o mesmo movimento.

Verificámos, ao longo da nossa análise, que os informantes do ensino secundário alojavam os pronomes clíticos em outras classes gramaticais. Defendemos igualmente que este fenómeno é novo e não se verifica em estudantes do ensino superior, daí que tem de ser considerado como desvios decorrentes da má consolidação das regras que governam a colocação de clíticos.

No que tange à selecção de clíticos, referimos que o pronome clítico *lhe* aparece a saturar os argumentos de dois lugares, em circunstâncias em que o referido argumento interno não é um OI

## Conclusão

O objectivo que traçámos, inicialmente, ao conceber o presente estudo, era contribuir para a descrição, em textos escritos por alunos do ensino secundários e universitários, da ocorrência de erros no uso dos pronomes clíticos.

O interesse pelo estudo de uso de clíticos em estudantes secundários e universitários era o de analisar a evolução dos problemas de colocação de clíticos nestes sistemas de ensino.

Assim, verificámos, na análise feita, que o problema de uso de clíticos na posição proclítica, ao invés de ênclise em frases com um só verbo, pode, em si, significar um estágio não consolidado de aprendizagem da língua portuguesa, uma vez que estes problemas não se verificaram em textos produzidos por estudantes universitários. São três as classes de palavras que possuem a propriedade de proclisadores: os pronomes pessoais rectos, os possessivos e os demonstrativos. Parece-nos, ainda, que a palavra *a gente* também funciona com proclisador nas frases produzidas por estes informantes.

Na generalidade, o uso de pronomes clíticos na posição enclítica, ao invés da posição proclítica, ocorre em orações subordinadas. Este fenómeno foi constatado por Machava (1994), Gonçalves (1996), Nascimento (2005), Mapasse (2005), o que nos levou a propor que a ênclise, no emergente Português de Moçambique, seja tomada como norma nas orações subordinadas.

Em locuções verbais, verificámos que tanto os informantes do ensino secundário como os de ensino superior hospedam o clítico na posição mediana da locução, o que nos induziu a afirmar que o clítico se alojou na posição proclítica ao verbo principal. Assim confirmámos as constatações dos autores acima citados, os quais já em estudos anteriores denunciaram a ocorrência deste fenómeno no emergente PM. Este facto fez com que propuséssemos, neste trabalho, que a próclise ao verbo principal, em locuções verbais, no PM, seja adoptado como padrão, porque entendemos que, tanto neste caso como no uso de clítico na posição enclítica ao invés da posição proclítica em orações subordinadas, se trata de fixação de um novo parâmetro de colocação de clíticos, uma vez outros estudos terem provado que este fenómeno ocorre em todas as camadas sociais.

No nosso estudo, sobretudo nos textos do ensino secundário, verificámos igualmente que os informantes alojavam o pronome clítico em outras classes gramaticais. Sabemos que no PE, a

única classe de palavras com condições de alojar um pronome clítico é o verbo, mas no nosso estudo, os proclisadores também possuem a propriedade de alojar os clíticos.

Os problemas decorrentes de uso dos pronomes clíticos no emergente PM afectam ainda a área de selecção de clíticos. Desta feita, verificámos que os nossos informantes usam o pronome clítico *lhe*, o qual, no PE, satura, apenas, os argumentos de verbos transitivos indirectos, como argumento interno de verbos transitivos directos. Este fenómeno, que foi designado, no trabalho, de “Lheísmo”, ocorreu nos nossos informantes apenas em alunos secundários. Apesar de no nosso *corpus* tal fenómeno não ter ocorrido nos estudantes superiores, os estudos de Mapasse (2005), por exemplo, mostram que tal fenómeno ocorre igualmente em estudantes universitários.

## Apêndice

### Corpus

#### Estruturas correctas

1. Mais uma coisa que me deixava assustada PR/ESM/02/99
2. A minha família inicialmente vivia na província da Zambézia onde o meu pai e a minha mãe se oficializaram MA/ESM/15/67
3. Um dos meus amigos que se fazia de forte disse eu vou lutar contigo PS/ ESM/23/83
4. A mae que ra minha tia veio e disse você não se pode lutar com asua família. PS/ ESM/25/83
5. O meu pai biológico que me abandonou quando eu tinha 3 apenas 3 anos EI/ ESM/30/88
6. Cheguei num momento em que me arrependi EI/ ESM/38/59
7. Tenho uma mãe que não se droga CM/ ESM/44/91
8. Só o que gosto o que me tranquiliza CM/ ESM/45/91
9. Quero ajudar a minha família aqueles que me ajudam NA/ ESM/66/76
10. Os meus tios, pais e brimos que me apoiaram neste processo de ensino EM/ ESM/83/28
11. Hoje a única coisa que me emporta são só os meus estudos. JS/ ESM/90/94
12. O que me deixa triste é que a minha avó tem uma doença VN/ ESM/93/95
13. A escola foi uma das coisa que me faz feliz na minha vida AJ/ ESM/102/97
14. Fui a única que dei de fazer tanto ao meu pai como aos outros que me criarão VF/ ESM/112/108
15. Isso era o que minha mãe me dizia BD/ ESM/108/110
16. Com o salário que ela recebe nos alimentar AG/ ESM/193/42
17. A historia começou no dia enque o meu pai e a minha mãe se juntaram VF/ ESM/213/50
18. Os meus irmãos que se chamam: Miriam da graça silva EC/ ESM/130/02
19. Minha mãe contou o que se passava com ela CC/ ESM/131/01
20. La ficou com a irmã que lhe criou LS/ ESM/146/22
21. Não te profissão melhor que se confia IA/ ESM/188/44



22. O que mi fez eu estar triste e de nos não temos sorte de trabalho HR/ ESM/171/35
23. agradeço a Deus por ter uma família uniforme que se intedem FS/ ESM/167/36
24. A dia que ate nem li vejo MA/ ESM/149/23
25. No dia que me derão aluz fiquei com minha mãe EN/ ESM/116/105
26. A minha irmã procurou um emprego onde ela se matriculou e me matriculou. AJ/ ESM/99/97
27. Quando os meus pais me matricularam PR/ESM/03/99
28. Chegou um tempo que se minha mãe ficou cansada FA/ESM/07/100
29. Quando ele me chama-se Esvalda eu não sabia como responder. EI/ ESM/32/88
30. O meu pai desde que se divorcio com minha mãe RT/ ESM/224/07
31. Eu comecei a viver com a minha família desde que me nascerão GA/ ESM/228/04
32. Quando a minha mãe me nasceu, ele estava tao doente AT/ ESM/183/48
33. Mas algo me deixava triste NM/ ESM/68/72
34. O seu geito mais com carinho e amor sempre nos superamos. VJ/ ESM/144/12
35. Sempre nos mantava no poço, na cozinha, limpar o patio. BM/ ESM/20/66
36. Todos se unimos e damos apoio a ela. EM/ ESM/51/81
37. Também me lembro a ler DB/ ESM/55/80
38. Também ele nos ajuda muito FR/ ESM/73/69
39. Só começou a se preocupar com migo em 2010 VN/ ESM/94/95
40. Ela sempre me deu carinho EN/ ESM/118/105
41. E já, me, agustumei, viver, mal DA/ ESM/223/08
42. Ele faz de tudo para nos sustentar AB/ ESM/215/05
43. O meu mano mas velho também lia ajudava la mesmo no orfanato MP/ ESM/211/51
44. Mais meus pães sangava ate quase me baterem PR/ESM/04/99
45. Mais nem me batiam PR/ESM/05/99
46. Volta atarde mais não nos encontra MA/ ESM/151/23
47. A sua tia começou a falar mal dela porque não se cansava FA/ESM/09/100
48. Ela e uma enfermeira nem se preocupava em me dar os medicamentos. EI/ ESM/19/88
49. Ela não te deixa antes de fazer aquela coisa CS/ ESM/63/78
50. Não nos dão medo falarmos o que aconteceu AJ/ ESM/95/96
51. Nunca me falaram que eu era de la BD/ ESM/107/110

52. Eles não mi faze feliz AE/ ESM/187/45
53. A nossa família não nos ajuda AG/ ESM/194/42
54. Nunca mais veio me visitar LS/ ESM/148/22
55. Nem se preocupa em ver os filhos RT/ ESM/226/07
56. Se ele não me dê-se eu roubava nele e depois ia comprar alguma coisa que eu queria comer. EI/ ESM/37/59
57. Eles queriam que eu estuda-se para amanha me tornar alguém EI/ ESM/39/59
58. Somos felizes ao mesmo tempo tristes porque não nos entendemos. GJ/ ESM/120/104
59. Somos felizes porque nos ajudamos nos trabalhos GJ/ ESM/121/104
60. Agradeço muito porque ele me ajuda IA/ ESM/189/44
61. A minha família é muito importante porque ela me da o mimo MA/ ESM/119/11
62. A minha família é uma famílis muito unida porque se ajudam VJ/ ESM/143/12
63. O meu pai é muito importante porque ele me ajuda MA/ ESM/200/11
64. Não me entendo por ter nascido nesta família BV/ ESM/166/37
65. Nunca vivemos desamparados porque ela nos ensinou a amar-nos uns aos outros GJ/ ESM/123/104
66. O meu pai casou-se com minha mãe depois de ter 4 filhos MA/ESM/13/64
67. Ele encontra-se em Zambézia MA/ESM/16/67
68. Ela encontra-se doente MA/ESM/18/67
69. Em matriculei-me na primeira classe BM/ESM/19/66
70. O meu pai levou-me para Anchilo PS/ ESM/22/83
71. A minha família ajudou-me muito até hoje. FR/ ESM/59/79
72. Matriculei-mi com 6 de idade NM/ ESM/70/72
73. Ele fez-me matricular na informatica FR/ ESM/74/69
74. O meu pai comeso a ajudar-me quando estive na 5ª classe BN/ ESM/76/70
75. Minha mãe e o meu pai separaram-se aos meus 4 anos NP/ ESM/80/25
76. Gosto ajudar-lhes AO/ ESM/87/93
77. Eu não me emporto com nada. JS/ ESM/91/94
78. Ele dedica-se a agricultura FA/ ESM/136/18
79. A minha mãe e meu pai casarão-se em 1992 AM/ ESM/203/56
80. Os meus pais encontram-se no cerviço CA/ ESM/230/87

81. Eles preocupam-se na alimentação AR/ ESM/128/03
82. Ele não me despreça. CC/ ESM/133/01
83. A minha avó ensinou-me a rezar IM/ ESM/154/24
84. A minha família dedica-se a profissão de agricultor FA/ ESM/135/18
85. A minha mãe casou-se com o meu pai LA/ ESM/190/43
86. Faz-me sorrir as palhacicus do meu irmão LA/ ESM/192/43
87. A nossa casa situa-se na zona militar ES/ ESM/174/34
88. Ele não nos escolhe da o que precisar. DP/ ESM/175/13
89. Os meus Pais legítimos separaram-se EN/ ESM/117/105
90. Ela matriculou-me na escola primária completa de Mutauanha. EN/ ESM/119/105
91. Ela criou-me vivo com ela desde o meu nascimento GJ/ ESM/122/104
92. As minhas famílias não si ligão AE/ ESM/186/45
93. Na parte paterna não se entendem AM/ ESM/201/56
94. Quando a minha família está reunida contam-me também começo a chorar VF/  
ESM/113/108
95. Quando faleceu o meu pai levaram-me para a cadeia CI/ ESM/140/20
96. Quando a refeição esta pronta dirigimo-nos na casa de Banho escovar dentes AR/  
ESM/129/03
97. Quando a família da minha mãe me repara eles ficam muito admirados e sentem-se  
envergonhados NA/ESM/110/109
98. Quando nasci levou-me longe de Montepuez BD/ ESM/106/110
99. Eles andam por ai parecem marginais enquanto os pais se preocupam pela sua saúde  
pessoal AJ/ ESM/98/96
100. Quero que me ajudem. EI/ ESM/40/59
101. Dizem que se preocuparam muito por mim DB/ ESM/54/80
102. Lembro-me que antes de eu ir a escola eu disse que não queria ir a escola CA/  
ESM/231/87
103. Pensavam que foi ele que lhe vez tomar ractok CI/ ESM/141/20
104. É uma família que se diverte a sua maneira AM/ ESM/218/10
105. Preciso que mia-judem alcançar os meus estudos MP/ ESM/212/51
106. Na família do meu pai não queria que eles se casassem AM/ ESM/204/56

107. Não quero que me humilhem AT/ ESM/181/48
108. Só a minha mãe trabalha e por pouco que recebe consegue nos sustentar CM/ ESM/42/91
109. Quando mim vem fica orgulhoso como minha filha BN/ ESM/78/7
110. Eu quero saber porquê é que o meu pai me abandonou VN/ ESM/92/95
112. A concepcao que me leva a dizer não aborto GM/UPN/336/47
113. Sem ideia de que se manter relações sexuais AS/UPN/332/45
114. Como que se deve ter a relação LA/UPN/327/36
115. Na biblia que se deve fazer o aborto voluntário CA/UPN/322/38
116. Não existe nenhuma lei em Moçambique que aprova que se deve fazer o aborto  
CA/UP/321/38
117. Daquilo que se vive neste século XXI LA/UPN/329/36
118. Cada uma toma a quantidade que lhe apetece LU/UPN/298/40
119. Sendo que esta responsabilidade se estende AM/UPN/306/54
120. Quando as que se consideram capazes de produzir SM/UPN/234/ 13
121. Um facto social não consensual que se apoiam os valores morais SA/UPN/281/41
122. O que se chama de abordo EA/UPN/263/49
123. É visto que hoje em dia muitas mulheres ou moças se lançam na rua AC/UPN/245/09
124. Mas é também necessário que se saiba LA/UPN/326/36
125. É um ponto que se deve abordar LA/UPN/259/02
126. O dia em que os bandidos se apoderaram do seu corpo FD /UPN/255/19
127. Devemos prevenir para que não o pratiquemos sempre FD /UPN/256/19
128. O estado em que se encontra o individuo AC/UPN/246/09
129. Este é um facto que se vivem em muitas partes AC/UPN/267/18
130. Como já se sabe, o aborto é a interrupção de gravidez RI/UPN/334/46
131. Já se faz sentir com os nossos técnicos de hospital LU/UPN/299/40
132. Sem ao mesmo tempo provocando-a AS/UPN/333/45
133. Refiro-me mais um pouco de parte economica em que o individuo pode envolver-se  
TA/UPN/317/25

134. Deus quer que respeitemos a vida dando-a o seu respectivo eglorioso valor  
DA/UPN/313/42
135. O melhor é cuidar-se RM/UPN/311/52
136. A informação destinava-se aos mais velhos RM/UPN/309/52
137. O aborto interpreta-se como sendo o resultado de violação de produtos alimentares  
IH/UPN/300/44
138. Faz-me sentir apavorada FA/UPN/302/48
139. Antes usava-se o aborto como se fosse planeamento familiar BJ/UPN/305/55
140. Deve-se compreender que aborto seja consequência de um bom plano familiar  
AM/UPN/307/54
141. Refere-se sim ao aborto TA/UPN/314/25
142. Uma mulher encontra-se no estado de gravidez TA/UPN/315/25
143. Tens-se constatado várias situações de abusos sexuais TA/UPN/316/25
144. Em suma sugere-se que o governo e as entidades religiosas colaborem. JA/UPN/296/32
145. Com esta concepcao, levanta-se uma questão JA/UPN/293/32
146. O melhor é prevenir-se SM/UPN/235/ 13
147. Isto pode ocorrer de forma espontânea ou induzida provocando-se AC/UPN/236/14
148. Para as mulheres torna-se uma situação de humilhação AC/UPN/237/14
149. Assim evita-se gravidezes indesejadas AC/UPN/238/14
150. Africa em geral, verifica-se grande número de abortos GM/UPN/239/12
151. Normalmente, considera-se aborto o feto IS/UPN/243/04
152. No entanto actualmente nota-se muitos provoca aborto SA/UPN/283/27
153. Ora esta concepcao não acho correcta, pressuando-me que a maior parte dela são aquelas  
que praticam AF/UPN/282/28
154. O primeiro aspecto relaciona-se com a desvalorização da vida humana FB/UP/278/29
155. A primeira refere-se ao aborto ER/UPN/271/16
156. Porem salientando-se que sempre que seja qual o motivo ER/UPN/277/16
157. O mais melhor é prevenir-se MO/UPN/262/06
158. É mais comum provocar-se um aborto EA/UPN/264/49
159. Fala-se ainda de planeamento familiar EA/UPN/265/49

160. Que as pessoas sejam devidamente orientadas e disponham de informações e de recursos capazes de auxiliá-las DA/UPN/253/20
161. Não é bom praticá-lo SA/UPN/308/53
162. Também pode justificar-se que a vítima pode estar grávida AD/UPN/325/37
163. Pode-se concluir dizendo que o aborto reduz a densidade populacional JC/UPN/290/34
164. Nesse caso pode-se dizer sim ao aborto AM/UPN/269/17
165. Onde o indivíduo se sente FE/UPN/331/35
166. Uma vez que não se pensa no futuro posterior LA/UPN/330/36
167. Não se deve fazer o aborto CA/UPN/324/38
168. Acho que não se deve fazer o aborto CA/UPN/323/38
169. Na sociedade tradicional do nosso país não se punha a possibilidade de ocorrer o aborto IH/UPN/301/44
170. Também não me oponho a pessoas FA/UPN/304/48
171. Mais não lhe dá o direito de fazer aborto JC/UPN/288/34
172. Não se justifica que alguém possa tirar um feto SA/UPN/284/27
173. Apesar de não se conhecer o ponto de raciocínio deste. FB/UP/279/29
174. Quando não se sentem preparadas AM/UPN/270/17
175. Não se faz nada com finalidade de matar ER/UPN/272/16
176. Na sociedade tradicional não se punha a possibilidade de o homem ser estéril EA/UPN/266/49
177. Não estão na idade de se considerarem mãe AM/UPN/268/17
178. Como forma de se livrar da gravidez AL/UPN/320/23
179. como me referi logo no primeiro parágrafo GM/UPN/241/12
180. Porém como acima me debrucei LA/UPN/260/02
181. Porque me coloco no lugar do feto FA/UPN/303/48
182. porque depois de uma longa idade começa-se a pensar como ter filhos GM/UPN/242/12
183. Porque se fez está apta para enfrentar o desafio SA/UPN/285/27
184. Se na tua vez te abortassem? JA/UPN/294/32
185. Se não te sentes preparada há métodos SA/UPN/287/27
186. Quando se afirma que é importante legalizar o aborto MO/UPN/261/06
187. Quando nos deparamos com a questão de aborto GA/UPN/247/05

188. Só se a pessoa for muito inconsequente GA/UPN/248/05

189. Ainda se encorajo este tipo de prática IS/UPN/244/04

### **Estruturas erradas**

190. Ele me ensina muitas coisas MV/ ESM/82/26

(PE = ele ensina-me...)

191. Eles se casavam canonicamente. FA/ ESM/137/18

(PE= eles casavam-se...)

192. Eles se preocupam d pensam que tem irmã fora deles. MA/ESM/14/64

(PE= eles preocupam-se...)

193. Mas eles mi levarão este ano NA/ ESM/109/109

(PE= eles levaram-me)

194. Nas férias eu a visito e a ajudo na machamba TM/ ESM/125/102

(PE= nas feria, eu visito-a e ajudo-a...)

195. Eles se gostam se ajudam se gostam e se protegem NF/ ESM/159/39

(PE = Eles gostam-se, ajudam-se...)

196. A minha se encontra no mercado AO/ ESM/86/93

(PE= a minha encontra-se)

197. Isso me machoca muito AG/ ESM/195/42

(PE= isso machoca-me)

198. E minha mãe me disia o seu pai morreu. EI/ ESM/33/88

(PE=E minha mãe dizia-me)

199. A minha mai si divorciou com meu pai AE/ ESM/185/45

(PE= a minha mãe divorciou-se)

200. Os meus pais se sacrificam todo o dia a trabalhar IM/ ESM/153/24

(PE = os meus pais sacrificam-se)

201. O meu pai nos proíbe ir a casa dela MA/ ESM/152/23

(PE= o meu pai proíbe-nos)

202. O meu irmão mais velho me proíbe passear AT/ ESM/182/48

(PE= o meu irmão mais velho proíbe-me)

203. Agora estou muito feliz com essa família mi tratam muito bem AA/ ESM/178/49  
(PE =essa família trata-me)
204. O nosso irmão mas venho nos diz (...) CS/ ESM/61/78  
(PE = o nosso irmão mais velho diz-nos)
205. So nos sábados e domingos ajente se vé MA/ ESM/150/23  
(PE= agente vê-se)
206. No fim de semana agente se diverte muito NF/ ESM/156/39  
(PE = agente diverte-se)
207. Nos dias de festa a gente tenta se juntar TM/ ESM/126/102  
(PE = a gente tenta juntar-se)
208. Quando chegou me roubou. El/ ESM/31/88  
(PE = roubou-me)
209. Quando estive na 5ª classe lhe pede cédula BN/ ESM/77/70  
(PE= pedi-lhe)
210. Quando há uma festa numa província alguns membros se deslocam até mesma AM/  
ESM/219/10  
(PE= deslocam-se)
211. . toda família ajudarem-se uns ãos outros LB/ ESM/104/98  
(PE = toda a família se ajuda?)
212. Também ele aconselha-nos AA/ ESM/180/49  
(PE= também ele nos aconselha)
213. Todos eles consideram-se como irmã de sangue GA/ ESM/206/54  
(PE = todos eles se consideram)
214. Os meus pais sempre educaram-nos IM/ ESM/155/24  
(PE= os meus pais sempre nos educaram)
215. Queria dizer que até agora unimo-nos AR/ ESM/184/46  
(PE= até agora nos unimos)
216. Só obriga-os a enverdar pela abstinência JC/UPN/289/34  
(PE = só os obriga)
217. O pai era um professor da imape quando casou-se com a minha mai TB/ ESM/210/52  
(PE= quando se casou com a minha mãe)



218. Uma amigo que emprestou-me um valor de 500 mt CI/ ESM/49/82  
(PE = que me emprestou)
219. O feto que estima-se sejam realizados anualmente RI/UPN/335/46  
(PE= que se estima)
220. Os meus avós faleceram foi muito triste porque não conhece-os NA/ ESM/65/76  
(PE = porque não os conhece)
221. A minha família é muito boa porque cuidam-se uns aos outros. MV/ ESM/81/26  
(PE= porque se cuida)
222. É que juntava-se com outrem formando um novo lar RM/UPN/310/52  
(PE= que se juntava)
223. Não acham que neste caso o aborto justifica-se? ER/UPN/275/16  
(PE= que, neste caso, o aborto se justifica)
224. Queria que ela intende-se que gosto muito dela CM/ ESM/48/91( = entendesse)
225. Ela conversa com os meus pais para que pude-se me levar pra viver com ela. FA/  
ESM/19/77 (= pudesse)
226. Eu queria que conclui-se a 12<sup>a</sup> classe e fase-se um curso HR/ ESM/173/35 (= concluísse)
227. Mas eu queria muito ajuda-se a minha família HR/ ESM/172/35 (= ajudasse)
228. Até às vezes quando-a provoco me arrependo muito. CM/ ESM/46/91  
(PE = quando a provoco)
229. Mas meu pai nunca-se deixou por vencido NM/ ESM/69/72  
(PE = nunca se deixou)
230. Eles tanto-me amam AJ/ ESM/96/96  
(PE = tanto me ama)
231. A minha família quando alguém-se gosta muito LP/ ESM/222/06  
(PE = quando alguém se gosta)
232. Não-memaltrarão agradeço por isso tudo NA/ ESM/165/32  
(PE = não me maltrataram)
233. Não-se zangamos NA/ ESM/162/32  
(PE= não nos zangamos)
234. Os pais ficam cansados deles e-lhes deixam. AJ/ ESM/97/96  
(PE= e deixam-nos)

235. elapelomenos-secracifica AG/ ESM/196/42  
(PE= ela pelo menos se sacrifica)
236. Na minha família eu lembro me várias coisas PR/ESM/01/99  
(PE = Lembro-me de várias coisas)
237. Cada um destes não-a assume a responsabilidade GM/UPN/240/12  
(PE= não a assume)
238. Consoante o ambiente que-a favorece NM/UPN/252/22  
(PE = o ambiente que aa favorece)
239. Meu pai tem mi ajudado muito FR/ESM/11/62  
(PE= tem-me ajudado)
240. Ela tem mi ensinado muita coisa FR/ESM/12/62  
(PE= tem-me ensinado)
241. A minha mãe sofre muito de vista mas graças a deus tem se curado TM/ ESM/127/102  
(PE= tem-se curado)
242. Ela mudoufoise tornando uma pessoa muito má. El/ ESM/27/88  
(foi-se tornando)
243. Eu fui me tornando uma criança muito infeliz El/ ESM/29/88  
(fui-me tornando)
244. Tudo foi se arranjado pouco a pouco. HI/ ESM/35/57  
(foi-se arranjando)
245. Também aminha família foi se aumentando. HI/ ESM/36/57  
(PE = foi-se aumentando)
246. Esta espécie foi se multiplicando AA/UPN/291/33  
(PE= foi-se multiplicando)
247. O meu pai está a se esforçar FM/ ESM/198/31  
(está a esforçar-se)
248. Eu disse não vou te duer PS/ ESM/24/83  
(PE= não te vou doer)???
249. Onde é que vivo para estar a lhe ajudar JG/ ESM/115/107  
(PE = estar a ajudar-lhe)
250. Eles também querem nos ver felizes NF/ ESM/157/39

(PE = nos querem ver felizes)

251. ele conseguiu nos dar pouco dos ele tem FS/ ESM/169/36

(PE = conseguiu dar-nos)

252. . Meu pai mandou me chamar TB/ ESM/208/52

(PE = mandou-me chamar)

253. Deve se abster dentro da família AA/UPN/292/33

(PE= Deve abster-se)

254. Logo deve se realizar o aborto ER/UPN/276/16

(PE = deve realizar-se)

255. Eles precisam de mi para o ajuda-lo EM/ ESM/52/81

(PE = para os ajudar)

256. A minha mãe me ensinou-me como se comportar FR/ ESM/57/79

(PE = ensinou-me)

257. Também perdeu a vida antes de eu a te-la na memoria GJ/ ESM/19/104

(PE = de eu te-la)

258. Pediu que se celebra-se FA/ESM/08/100

(PE = se celebrasse)

259. Meu pai faleceu em 2005 ca em Nampula mesmo se vive-se não conseguia nada para poder nossustentar CM/ ESM/43/91

(PE = se vivesse)

260. Eu fui o unico que deixou de mamar sem que a minha mãe me fije-se deixar de mamar DB/ ESM/53/80

(PE = me fizesse)

261. Os membros familiares se controla-se JM/UPN/250/11

(PE = se controlassem)???

262. Nós ficávamos a lhe provocar PR/ESM/07/99

(PE= provoca-lo)

263. Mas a minha mãe sempre insistia-lhe de não fazer aquelas todas coisas Dc/ ESM/21/84

(PE= insistia nele)???

264. As pessoas não lhe gostam NA/ ESM/163/32

(PE = não gostam dele)

265. Os meus pais temlhe chamado muito. MA/ESM/17/67  
(PE = tem-no chamado)
266. O meu pai chama lhe Feliciano HF/ ESM/205/55  
(PE = chama-o Feleciano)
267. Constumo a sentir vergonha e pedi-la desculpa CM/ ESM/47/91  
(PE= Pedir-lhe desculpas)
268. Não cumemos ou não se alimentamos bem TB/ ESM/207/52  
(PE= Não nos alimentamos)
269. A minha família se respeitamos muito AJ/ ESM/100/97  
(PE= respeitamo-nos)
270. Nós enfrentamos problemas familiares se ajudando GA/ ESM/229/04  
(PE= ajudamo-nos)
271. Apesar de sermos pobres se preocupamos uns aos outros CM/ ESM/41/91  
(PE=preocupamo-nos)
272. O 1.º irmão que nesse momento eu sentia-se muito NM/ ESM/68/72  
(PE = eu sentia-me)
273. O dia seguinte voltava a mi banter NM/ ESM/12/72  
(PE = bater em mim)
274. Quando a família conheceu ele DJ/ ESM/138/19  
(PE = conheceu-o)
275. Ele me ensina muitas coisas MV/ ESM/82/26
276. A minha se encotra no mercado AO/ ESM/86/93
277. Ele consegue nos sustentar CC/ ESM/132/01
278. Isso me machoca muito AG/ ESM/195/42
279. parte materna se entende muitos AM/ ESM/202/56
280. Eles se casavam canonicamente. FA/ ESM/137/18
281. Eles se preocupam d pensam que tem irmã fora deles. MA/ESM/14/64
282. E minha mãe me disia o seu pai morreu. EI/ ESM/33/88
283. Meu pai mandou me chamar TB/ ESM/208/52
284. A minha mãe levou me para encaza do meu pai TB/ ESM/209/52
285. Mas eles mi levarão este ano NA/ ESM/109/109

- 286. A minha mai si divorciou com meu pai AE/ ESM/185/45
- 287. Nos sentamos com nosso pai NA/ ESM/164/32
- 288. Nas férias eu a visito e a ajudo na machamba TM/ ESM/125/102
- 289. Os meus pais se sacrificam todo o dia a trabalhar IM/ ESM/153/24
- 290. Eles conseguem nos fazer feliz NF/ ESM/158/39
- 291. nos fim de semana se reunimos na casa avó FS/ ESM/168/36
- 292. ele conseguiu nos dar pouco dos ele tem FS/ ESM/169/36
- 293. Eles se gostam se ajudam se gostam e se protegem NF/ ESM/159/39
- 294. O meu pai nos proíbe ir a casa dela MA/ ESM/152/23
- 295. Dançamos nos divertimos muito bem HR/ ESM/170/35
- 296. O meu irmão mais velho me proíbe passear AT/ ESM/182/48
- 297. Agora estou muito feliz com essa família mi tratam muito bem AA/ ESM/178/49
- 298. O nosso irmão mas venho nos diz (...) CS/ ESM/61/78
- 299. Quando chegou me roubou. El/ ESM/31/88
- 300. Ao chegar em casa me detiquei muito em estudar DB/ ESM/56/80
- 301. Quando estive na 5ª classe lhe pede BN/ ESM/77/70cédula
- 302. Quando há uma festa numa província alguns membros se deslocam até mesma AM/ ESM/219/10
- 303. So nos sábados e domingos ajente se vé MA/ ESM/150/23
- 304. No fim de semana agente se diverte muito NF/ ESM/156/39
- 305. Nos dias de festa a gente tenta se juntar TM/ ESM/126/102

## **Bibliografia**

AFONSO, Angelina Ómega (2009). A colocação dos Pronomes clíticos: Caso dos alunos da escola Secundária de Napipine (Monografia ). Nampula: Universidade Pedagógica

BECHARA, Evanildo (1999). Moderna Gramática Portuguesa. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucena.

BERGSTOM, M. REIS, N. (2007). Prontuário Ortográfico e guia da língua portuguesa. 49.<sup>a</sup> Ed., Lisboa, Artes Gráficas

BRITO, Ana. Maria. (1999). Os Estudos de Sintaxe Generativa em Portugal nos últimos Trinta anos. (S/ed). Braga: Associação Portuguesa de Linguística.

CARVALHO, Maria. José. Albaran. (1991). Aspectos sintáticos-semânticos dos verbos Locativos no Português Oral de Maputo. Lisboa, 1.<sup>a</sup> ed., Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

CHOMISKY, Noa (1978). Aspectos da Teoria da Sintaxe. 2.<sup>a</sup>ed. Coimbra; Arménio Amado editor

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley (1999). Nova Gramática do Português Contemporâneo. 15.<sup>a</sup> ed. Lisboa: João de Sá Costa.

DUARTE, Inês.; BRITO, Ana Maria (1996). Sintaxe: in Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. [s/ed]. Lisboa; Caminho. P.264-265

DUARTE, Inês. (2000). Língua Portuguesa: Instrumento de Análise: Universidade Aberta.

FIRMINO, Gregório (1988). Desvio à Norma no Português falado em Moçambique; Actas do IV Encontro de Associação de Linguística. Lisboa: Promédia.

FIRMINO, Gregório (1987). «Alguns Problemas de Normatização do Português em Moçambique». Limani, 3, 11-25.

FIRMINO, Gregório (1989). «Desvios à Norma no Português Falado em Moçambique». In IV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 97-106 (<http://www.apl.org.pt/docs/actas-04-encontro-apl-1988.pdf>).

FARIA, Isabel Hub et alii (1996). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. [s/ed]. Lisboa; Caminho.

GONÇALVES, Perpétua (1990) A Construção de uma Gramática de Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos. Dissertação de Doutoramento: Universidade de Lisboa.

\_\_\_\_\_ (2010). O Português Escrito por estudantes universitários: Descrição linguística e estratégias didáticas. 1.<sup>a</sup> ed. Maputo: Texto editors

\_\_\_\_\_ (2005). Falsos Sucessos no Processamento do INPUT na Aquisição da L2: Papel da ambiguidade na génese do português e Moçambique. Acessado [www.abralin.orgrevista](http://www.abralin.orgrevista), 17.11.2012

\_\_\_\_\_ (1986). «O Português em Moçambique: Análise de Erros em Construções de Subordinação». Limani 1, 11-23.

\_\_\_\_\_ (1996a). Português de Moçambique: Uma Variedade em formação. Maputo: Livraria Universitária e Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane.

\_\_\_\_\_ (1996b). «Aspectos da Sintaxe do Português de Moçambique». In Faria, I., Pedro, F., Duarte, I. & Gouveia, C. (Orgs.). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho, 313-322.

GONÇALVES, Perpétua; STROUD, Christopher (1997). Panorama do Português Oral de Maputo, INDE, Maputo.

DIAS, Hidizina Norberto (org.) (2009). Português Moçambicano. Estudos e Reflexões. Maputo: Imprensa Universitária.

DUARTE, F.B. (2008). Distribuição de pronomes Fortes, Fracos, e Afixos em Línguas de Sujeito Nulo. [s/ed]. S. J. do Rio Preto, Revista do GEL.

ISABEL, Leiria (2006). Léxico, Aquisição e Ensino do Português Europeu Língua não Materna: Fundação Calouste Gulberkian.

KRASHEN, S. D. The input hypothesis: issues and implications. Harlow: Longman. 1985.

LOBO, T. (1992). A Colocação dos Clíticos em Português: Duas Sincronias em Confronto. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese de Mestrado).

MACHAVA, Benilde (1994). A Colocação do Pronome Pessoal Átono em frases subordinadas no Português de Moçambique. Dissertação de Licenciatura [não publicada]. Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras.

MADEIRA, A., CRISPIM, M. de L., XAVIER, M. F (2006). Clíticos Pronominais em Português L2. Lisboa: actas de XXI Encontro Nacional da APL, pp.495-510

MAPASSE, Ermelinda (2007). O processo de Ensino Aprendizagem do Português em Moçambique e as Dinâmicas do Português. In Actas das 3.<sup>as</sup> Jornadas de Língua Portuguesa. Nampula,. (não publicado).

MAPASSE, Ermelinda. (2005). Clíticos Pronominais em Português de Moçambique. Lisboa, Dissertação de Mestrado.



MATEUS Maria Helena Mira, et alii (2003). Gramática da Língua Portuguesa. 7.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Caminho.

\_\_\_\_\_ et alii (1989). Gramática da Língua Portuguesa. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Caminho.

MATEUS, M. H. M.; PEREIRA, D.; FISCHER, G. (org.) (2008). Diversidade Linguística na Escola Portuguesa. (S/ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MERCEDES, Marcilese (2007). Aquisição de complementos pronominais acusativos: um estudo experimental contrastivo entre o Português Brasileiro e o Espanhol Rio-Platense. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado.

MARTINS, A. M. (1994). Os Clíticos na História do Português. Lisboa: Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento).

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar et alii (2008). «Corpus África: as cinco variedades africanas do Português». In Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 373-384.

NASCIMENTO, M (1996). Língua Falada, Língua Escrita. Comunicação apresentada no Congresso sobre a investigação do Português. Lisboa.

OLIVEIRA, Marilza de (2005). A aquisição da preposição no Português como L2: complementos verbais dativos (S/ed). Brasília. Acessado [www.fflch.usp.br/dlcvlportpdfmaril001](http://www.fflch.usp.br/dlcvlportpdfmaril001)

PERES, João de Andrade; Móia, Telmo (1992). Áreas Críticas da Língua Portuguesa. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Caminho

SEMEDO, Brito. M. (1997). A Colocação dos Pronomes Clíticos no Português em Moçambique. Maputo, INDE.

SIOPA, C. (2010) Estruturas problemáticas e Estratégias de Ensino do Português na Universidade. In: O Português Escrito por estudantes universitários: Descrição linguística e estratégias didáticas. 1.<sup>a</sup> ed. Maputo: Texto editores

STROUD, Christopher (1997). “Os Conceitos Linguísticos de ‘Erro’ e ‘Norma’.” In: Stroud C. & P. Gonçalves, (eds.) Panorama do Português Oral de Maputo, (vol II). A Construção de um Banco de Erros, 9-35. Maputo – INDE

SILVA, C. G. A. G. (2008) Assimetrias na Aquisição de Clíticos Diferenciados em Português Europeu. Lisboa, Dissertação de Mestrado.

RAPOSO, Eduardo Paiva (1992). Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem. [s/ed]. Lisboa: Caminho.

VILELA, Mário. Gramática da Língua Portuguesa (1999). 2.<sup>a</sup> ed. Coimbra: Almedina

\_\_\_\_\_. (1995). Gramática da Língua Portuguesa . 1.<sup>a</sup> ed. Coimbra: Almedina.